

FUNDADO POR EDSON RÉGIS
EM 27 DE MARÇO DE 1949

Correio das Artes

Janeiro 2018 – ANO LXVIII Nº 11



**García
Lorca**

em Buenos Aires

RESSONÂNCIAS E AFETOS



Notícias gitanas

O “Correio das Artes”, como está explícito no próprio nome do histórico suplemento, tem como uma de suas mais pertinentes atribuições trazer e levar, para seus leitores, notícias relevantes do espaço-tempo da cultura, de modo a colaborar tanto na formação cultural de quem ainda não a tem, satisfatoriamente, como de acrescentar algo a mais na “bagagem” daqueles que já percorreram longas distâncias pelas planícies e planaltos do conhecimento.

Seguindo esta senda editorial, escolhemos, para matéria de capa da primeira edição do ano, um artigo do professor Wilson Alves-Bezerra, da Universidade Federal de São Carlos (SP), cujo tema são os seis meses vividos pelo poeta e dramaturgo espanhol Federico García Lorca (1898-1936), em Buenos Aires, de outubro de 1933 a março do ano seguinte. Uma maneira que encontramos de

O impacto causado, no meio cultural portenho, pela presença de García Lorca, dá um colorido especial à fotografia que Wilson, gentilmente, nos oferece, e que remete a um contraste contemporâneo chamado Brasil.

homenagear o autor de *Bodas de Sangue*, cujo nascimento ocorreu há 120 anos.

Wilson compõe um valioso retrato de época, no qual se percebe, claramente, as diferenças culturais e políticas entre a Buenos Aires prós-

pera, cosmopolita, de intensa vida cultural, e o país de Lorca, mergulhado nos conflitos ideológicos que iriam culminar na Guerra Civil Espanhola – uma das trágicas experiências da história das esquerdas. Fuzilado em 1936, o autor de *A Casa de Bernarda Alba* viria a ser uma das primeiras vítimas da ditadura franquista.

Em Buenos Aires, o clima era de confraternização. Lorca conhece algumas pétalas da fina flor literária latino-americana, a exemplo de Jorge Luís Borges, Pablo Neruda, Horacio Quiroga, Enrique Amorim e Alfonsina Storni. O impacto causado, no meio cultural portenho, pela presença do autor de *Romancero Gitano*, dá um colorido especial à fotografia que Wilson, gentilmente, nos oferece, e que remete a um contraste contemporâneo chamado Brasil.

O Editor

♦ índice



ARTIGO

O professor Wilson Alves-Bezerra comenta com riqueza de detalhes várias implicações da visita de García Lorca a Buenos Aires, em 1933.



POESIA

A poesia de Edypo Pereira, Expedito Ferraz Jr. e Guilherme Delgado é o tema da coluna "Festas Semióticas", do professor Amador Ribeiro Neto.



CINEMA

O crítico de cinema João Batista de Brito resenha *Risos, canções e tiroteios*, livro póstumo do cinéfilo e exibidor Múcio Wanderley (1918-2009).



MEMÓRIA

Gil Messias e Fernando de Moraes Gebra escrevem sobre o escritor Carlos Heitor Cony, que faleceu este mês no Rio de Janeiro.



O *Correio das Artes* é um suplemento mensal do jornal **A UNIÃO** e não pode ser vendido separadamente.

A União Superintendência de Imprensa e Editora
BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - PB

PABX: (083) 3218-6500 - FAX: 3218-6510

Redação: 3218-6509/9903-8071

ISSN 1984-7335

editor.correiodasartes@gmail.com

http://www.auniao.pb.gov.br

Secretário Est. de Comunicação Institucional
Luís Torres

Superintendente
Albigeo Fernandes

Diretor Administrativo
Murillo Padilha
Câmara Neto

Diretor de Operações
Gilson Renato

Editor Geral
Felipe Gesteira

Editora Adjunta
Renata Ferreira

Editor do Correio das Artes
William Costa

Supervisor Gráfico
Paulo Sérgio de Azevedo

Editoração
Paulo Sérgio de Azevedo

Capa
Domingos Sávio

Ilustrações e artes
Domingos Sávio,
Tônio e Manuel Dantas
Suassuna



PAIXÕES LITERÁRIAS – Federico García Lorca em Buenos Aires

Wilson Alves-Bezerra
Especial para o *Correio das Artes*

INFLUÊNCIA E ARREBATAMENTO

Se a influência da poesia sobre um meio cultural é algo sutil e de difícil apreensão, o que dizer, então, do impacto da presença de um poeta? Em 1933 o andaluz Federico García Lorca (1898-1936) foi a Buenos Aires, a

FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



García Lorca na Rádio Stantor, de Buenos Aires, em 1933

convite da atriz Lola Membrives (1888-1969), que estava encenando uma peça sua, *Bodas de Sangue*. O poeta e dramaturgo daria também uma série de palestras, entrevistas e seria homenageado num jantar no Pen Club. O que era para ser uma breve estadia prolongou-se: a peça logo se tornou sucesso de público e Lorca sentiu-se tão bem acolhido na capital portenha que acabou permanecendo hospedado na cidade por quase cinco meses: entre 13 de outubro de 1933 e 27 de março do ano seguinte. Viveu no quarto 704 do Hotel Castelar, no coração da cidade, em plena Avenida de Mayo, a poucos metros do Obelisco.

Buenos Aires era então cenário de uma vida cultural plena e a Argentina a sétima economia do mundo. Por lá circulavam músicos como

Carlos Gardel, escritores em ascensão como os argentinos Jorge Luis Borges, Oliverio Gironde, Evar Méndez, Norah Lange e o uruguaio Enrique Amorim; escritores já consagrados como o contista uruguaio Horacio Quiroga e a poeta Alfonsina Storni. Com quase todas essas figuras, Lorca travou relações, despertando afetos os mais diversos. Tornou-se amigo íntimo, inclusive, do recém-empossado cônsul chileno na Argentina, um tal Ricardo Neftalí Reyes (1904-1973) ou, como ficou conhecido literariamente, Pablo Neruda. Com ele chegou a protagonizar um discurso a duas vozes, no Pen Club, em homenagem ao poeta nicaraguense Rubén Darío: prepararam um discurso conjunto e, durante o jantar, levantaram-se ao mesmo tempo, cada qual em uma das cabeceiras da mesa, dando a entender ao público que haviam cometido uma gafe. A partir de então, um completava a frase do outro, para o fascínio – ou a inveja – dos mais de cem escritores presentes.

García Lorca, então com 35 anos, havia tido um sucesso relativo com seu teatro autoral em Madri, e experimentava pela primeira vez um reconhecimento num ambiente estrangeiro. Nos breves meses de sua estadia, deixou sua marca na memória local, como mostra Pablo Medina em seu livro *Lorca: un andaluz en Buenos Aires, 1933-1934*, publicado pela editora Manrique Zago.

O ARTISTA EM AÇÃO

O fato de ter sido fuzilado, em agosto de 1936, pelo regime franquista, colocou um ponto final na trajetória de Lorca e produziu, no imaginário popular, a imagem de um artista engajado politicamente. Entretanto, em entrevista concedida em Buenos Aires, por ocasião da encenação de *Bodas de sangue*, a visão que ele oferece do papel do artista é radicalmente outra: ▶



O poeta Miguel Hernández dedicou um poema a García Lorca, antes de morrer na prisão

► — Sob seu ponto de vista, o artista deve viver emancipado do jogo político?

— Totalmente. O mesmo para a poesia, o teatro, para tudo... O artista deve ser única e exclusivamente isso, artista. Dando tudo o que tiver dentro de si, como poeta, como pintor... já estará fazendo bastante. Vocês têm aí o caso do Alberti, um dos nossos melhores poetas jovens que, agora, logo depois da sua viagem à Rússia, voltou comunista e já não faz mais poesia, apesar de ele achar que faz, e sim sublitteratura de jornal. Que negócio é esse de artista, de arte, de teatro proletário!... O artista, e particularmente o poeta, é sempre anarquista, sem que saiba escutar outras vozes além das que afluem de dentro de si mesmo; três fortes vozes: A VOZ da morte, com todos seus presságios; a VOZ do amor e a VOZ da arte... (García Lorca, Federico. "Entrevista a Ricardo F. Cabal" (Tradução minha). 12-VIII-1933 in *Bodas de sangre*. Madri: Alianza, 1999:197)

A resposta de Lorca é reveladora e contundente. Se por um lado afasta de sua obra o selo da militância comunista, repõe outro: o do poeta apaixonado e libertário, cuja obra se volta contra o conservadorismo do cotidiano. Sua obra está cheia de exemplos, os jovens protagonistas das *Bodas de sangue* fazem a aposta em seu desejo e vivem a recusa do casamento de conveniência; em *A Casa de Bernarda Alba* é uma matriarca repulsiva que ocupa o centro da cena, com seus desmandos e suas tentativas de conter a libido de suas filhas; na peça *O Público*, lança mão de um teatro surrealista que rompe com as convenções do próprio teatro, problematiza o papel do público e chega à provocação de propor a montagem de um *Romeu e Julieta* homossexual. A política de Lorca é a política do desejo. Pode-se entender assim como o seu teatro, deslocado do contexto repressivo e conservador em que foi produzido, encontrou na progressista Buenos Aires daqueles anos um ambiente favorável para ser fruído em sua plenitude.

Na Espanha, porém, o cenário era outro. Logo após ser assassinado a mando de Franco, seus colegas espanhóis o transformam em uma espécie de mártir revolucionário. O poeta Miguel Hernández (1910-1942) dedicou-lhe um poema pungente, em seu livro *Ventos do povo* (1937). Nele, embora faça referências à personalidade alegre do poeta, há foices que se erguem a seu favor: "Você, o mais firme edifício, destruído, / você, o mais alto gavião, destroçado, / você, o mais alto rugido, / calado, e mais calado, e mais calado. // Caia seu alegre sangue granadino, / como um cair de martelos ferozes, / sobre quem te deteve mortalmente. / Cusparadas e foices / caiam sobre a mancha de sua frente. // Morre um poeta e a criação se sente / ferida e moribunda nas entranhas. / Um cósmico tremor de calafrios / move temivelmente as montanhas, / um esplendor de mortes a matriz dos rios." (Miguel Hernández. *Elegia Primeira*: a Federico García Lorca, 1936. Tradução minha)

Cinco anos depois, também

Miguel Hernández morreria de tuberculose e tifo numa prisão do governo franquista. Morrem, assim, os dois poetas: Hernández, por ser declaradamente anti-franquista; Lorca, por ser homossexual.

PALAVRAS AO POETA VIVO – UMA QUESTÃO DE AFETOS

É plenamente compreensível que, após sua morte brutal, homenagear Lorca tenha se tornado um *topos* literário. Porém é um indicativo de seu magnetismo pessoal as homenagens literárias que recebeu, ainda em vida, após sua curta estadia em Buenos Aires. Uma das primeiras poetas a homenageá-lo foi Alfonsina Storni (1892-1938), a poeta que ficou conhecida entre os brasileiros por protagonizar postumamente a canção "Alfonsina y el mar" (1969), de Ariel Ramirez e Felix Cesar Luna, cantada por Mercedes Sosa. Nela, conta-se líricamente que Alfonsina, enfrentando o estágio avançado de um



Alfonsina Storni reconheceu o magnetismo e o talento de Garcia Lorca antes da morte do poeta



García Lorca e o poeta Pablo Neruda, em Buenos Aires, outubro de 1933

Outro poeta, igualmente libertário, “generoso de amores”, em suas próprias palavras – o chileno Pablo Neruda – também dedicou uma ode a Lorca e a publicou em seu magistral livro *Residência na Terra* (1935), da qual cabe destacar a estrofe: “Vem para ser coroado, jovem da saúde / e da borboleta, jovem puro / como um negro relâmpago perpetuamente livre, / e conversando entre a gente, / agora, quando não resta mais ninguém entre as rochas, / falemos simplesmente como é você e sou eu: / para que servem os versos senão para o orvalho?” (Neruda. *Ode a García Lorca*, 1935. Tradução minha).

Nem todos os afetos portenhos, porém, eram amorosos. O caso mais curioso é o de Jorge Luis Borges, que naquele momento ainda não havia começado a escrever seus contos fantásticos, mas já era um dos líderes da poesia de vanguarda da cidade. Antes de conhecer Lorca,

já o havia publicado na revista *Proa*, por ele dirigida. Entretanto, depois de travar contato pessoal com Lorca, passou a diminuí-lo, não apenas como pessoa, mas também como poeta. Em mais de uma entrevista, fez questão de declarar seu desagrado com a obra do andaluz: “García Lorca me parece um poeta menor. Sua morte trágica acabou elevando sua reputação. É claro que gosto de seus poemas, mas não me parecem muito importantes. Ele escrevia uma poesia visual, decorativa, não completamente séria; uma espécie de entretenimento barroco.” (Jorge Luis Borges, 1968. *Conversations*. Tradução minha). Difícil levar a sério o julgamento de Borges, apreciador do barroco espanhol, sobretudo de Quevedo, e das imagens da vanguarda ultraísta, com a qual inaugurou sua própria poesia. Uma questão não de crítica literária, mas de afetos, como se pode supor.

► câncer, entregou-se às ondas do Mar del Plata. A melancolia da canção de Sosa em muito difere da mulher alegre e libertária que foi Storni. Mãe solteira, amante do escritor viúvo Horacio Quiroga, Storni fazia pouco dos gracejos de que era objeto. Pois a poeta fez-se amiga do andaluz e escreveu-lhe um “Retrato de García Lorca”, que logo publicou em seu livro *Mundo de Sete Poços* (1934). No texto, emula o estilo surrealista que o poeta assumira no período: “Irrompe um grego / por seus olhos distantes // Um grego, que sufocam de trepadeiras / as colinas andaluzas / de seus pômulos / e o vale trêmulo / de sua boca.” (Storni. *Retrato de García Lorca*, 1934. Tradução minha). Lorca, em suas cartas, retribuiu o gesto e escreve versos no estilo de Storni – “copia a la manera de la Storni” – numa clara demonstração do afeto mútuo entre ambos artistas.



García Lorca com o escritor uruguaio Enrique Amorim, de quem se tornou íntimo

LORCA E AMORIM

Federico García Lorca, em sua passagem por Buenos Aires, conheceu ainda outro escritor, o uruguaio Enrique Amorim (1900-1960), de quem se tornou íntimo. Amorim é uma figura singularíssima do panorama portenho e injustamente eclipsado desde sua morte.

Filho de fazendeiros uruguaios, nasceu na cidade de Salto, no Uruguai – onde também nasceu Horacio Quiroga – e como ele, tornou-se escritor. Ao longo de sua vida, além de publicar um romance de sucesso, *A carreta* (1932), teve tempo de dirigir seus próprios filmes e ser o responsável por filmar, ►

► em películas de 8mm, nos anos 30, figuras como Jorge Luis Borges, Horacio Quiroga, Francisco Espínola, Pablo Picasso, Walt Disney e o próprio García Lorca.

Generoso, nos últimos anos de Quiroga, intercedeu junto ao governo uruguaio, para que o velho amigo pudesse receber uma pensão que diminuísse sua penúria. Morto o poeta, fez com que suas cinzas retornassem à cidade natal, construindo-lhe uma Casa Museu. Pois em 1953, Amorim repetiu o gesto com o já falecido Lorca, construindo-lhe o primeiro monumento em sua homenagem em todo o mundo, na mesma cidade de Salto. Parte desta história encontra-se no delicado documentário *Las Nubes*, de 2015, dirigido por Alicia Cano e pela jovem escritora uruguaia, Inés Bortagaray. O filme – disponível no YouTube – recupera fragmentos das filmagens de Amorim, além de mostrar a importância de sua casa – chamada *Las Nubes* – como centro de intercâmbio cultural. Recupera ainda a história do monumento a Lorca, com depoimentos de parentes que participaram do evento. O filme recupera, portanto, eventos importantes, com alguns de seus protagonistas.

UMA LENDA PERUANA

Ocorre que o filme, que vem na esteira da abertura da casa de Amorim ao público, ocorrida em 2014, parece ser uma resposta a outro relato. Trata-se de uma biografia sui generis de Amorim, escrita pelo romancista peruano Santiago Roncagliolo e que tem Lorca como importante personagem: *El amante uruguayo. Una historia real* (2012).

As histórias, sabemos, não têm dono e não cessam de serem recontadas. Roncagliolo conta uma história da qual se apropria a partir de uma encomenda editorial: dar conta dos restos mortais do poeta García Lorca. Seu trabalho tem uma dimensão de extensa pesquisa: o relato forja seus materiais a partir de minuciosa pesquisa bibliográfica, arquivística e fílmica no Rio da Prata e

O romancista peruano Santiago Roncagliolo (foto) escreveu uma polêmica biografia de Enrique Amorim



na Espanha. Chegou a consultar a família de Amorim, a fim de conseguir com ela material raro para compor seu trabalho.

Entretanto, surpreendeu não apenas a família, mas aos leitores em geral, não apenas pelo chamativo título, mas por duas premissas: a primeira, de que Lorca e Amorim foram amantes, após terem se conhecido na breve passagem do poeta por Buenos Aires, em 1933; a segunda, de que a ossada do poeta andaluz estaria enterrada sob o monumento em sua homenagem, no Uruguai, inaugurado em 1953, a cargo de Amorim. A família irritou-se e reclamou na imprensa sobre a suposta falta de ética de Roncagliolo, que teria manipulado material a ele oferecido.

Escapa ao espaço e aos objetivos desse breve artigo tomar uma posição sobre o caso Roncagliolo. Cabem, porém, duas observações, que também nos servirão como conclusão dessas linhas: no contexto do Rio da Prata dos anos 20 e 30, os afetos costumavam ser silenciados. Para que o leitor tenha uma ideia, a relação amorosa entre Horacio Quiroga e Alfonsina Storni – ela solteira e ele viúvo – foi

sistematicamente calada ou referida com eufemismos até há bem poucas décadas. No universo da literatura, nem tudo se transforma em palavra impressa. A história da relação de Amorim com Lorca – nesse sentido, fica por ser melhor explorada, sempre considerando-se o fato de que se está na dimensão íntima dos dois artistas.

A passagem do poeta Federico García Lorca por Buenos Aires, como se vê, é um acontecimento cheio de ressonâncias e afetos, sobre o qual há ainda muito a ser dito.

Roncagliolo, em seu livro, parece valer-se da suposta história de amor para tocar, aí sim, num tema delicado: o da ossada de Lorca. Se o título e a capa de seu livro são uma piscadela ao mercado, com seu sensacionalismo de almanaque, esse está longe de ser seu ponto problemático.

Valer-se de uma hipotética história amorosa para sustentar outra hipótese – drástica – a da busca de Amorim, pela Europa, pelo cadáver de Lorca, e seu traslado internacional para Salto, é grave. Ao recontar a história desse modo, como um relato de amor, Roncagliolo a esvazia de sua dimensão política, pois manipula os afetos e os coloca no local errado. A história que se pode e deve sustentar, ainda hoje, é a que diz que o poeta talentoso e magnético, que esteve por quase meio ano na cidade de Buenos Aires, teve seu corpo sepultado de modo clandestino, não por um suposto amante, mas pelo Estado espanhol, que o assassinou sumariamente.

(Uma primeira versão deste artigo foi a palestra “Pablo Neruda e Federico García Lorca: de poetas a personagens” no Sesc Copacabana, em abril de 2011, por ocasião da apresentação da obra teatral *Negro relâmpago perpetuamente livre*, com o grupo Teatro do Acúmulo, escrita e dirigida por Claudio Castro Filho, a quem uma vez mais agradeço o convite e a sugestão de escrever sobre o tema.) ◀

Wilson Alves-Bezerra é poeta, tradutor e professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mora em São Carlos (SP).



Da novíssima poesia paraibana:

EDYPO,
EXPEDITO E
GUILHERME



Turbolento, que traz o selo da Editora Penalux, de Guaratinguetá (SP), é o livro de estreia do poeta Edyppo Pereira

FOTO: DIVULGAÇÃO



O poeta Expedito Ferraz Jr. chega com o segundo livro de poesia, O visgo das coisas, este com selo da Penalux

FOTO: MYRNA MAIA



Guilherme Delgado reuniu seus poemas em : (Editora Patuá), lançado, em dezembro do ano passado, n' A Bodega Arte Café

Não é novidade pra nenhum leitor que há uma efervescente produção de livros de poesia no país. De um lado, as facilidades da Internet e, de outro, a ousadia de novas editoras que vêm revolucionando o viciado mercado brasileiro ao apostar em novos nomes.

Aqui na Paraíba temos uma geração de poetas que começa a publicar nos anos 2000 e já prima pela excelência de qualidade. A esta produção estou nomeando-a “novíssima poesia paraibana”.

Há vários nomes de peso. E a antologia que estou organizando, com o recorte acima, deve retratar o que se produz em nosso estado hoje.

Na presente coluna vou ater-me a três nomes, motivado por seus recentes lançamentos. De cada poeta transcrevo três poemas.

1. EDYPO PEREIRA

A poesia de Edyppo Pereira tem a manha de ser leve e certa. Não faz rodeios. Pega o leitor. Prende-o. E dá-lhe um banho de prazer. Não sem, antes, pregar-lhe um bom susto. Sim, este poeta não faz concessões às facilidades. Não ajuda o leitor a ser beócio. Antes: sacode-o pelos colarinhos, pela gola da camiseta. E lança-lhe, no peito, o corpo de uma poesia encorpada.

De uma poesia que pega o leitor e o conduz a caminhos inusitados. Ainda que usuais. Sim, Edyppo toma o mais usual como matéria viva e cortante de sua poesia. E o converte, subverte, advertindo o leitor de que o bom é também prazeroso e pode divertir. Além de fazer pensar.

Sim, esta poesia é leve e aguda, faz rir e refletir. Seduz e escolhe. Não há como fugir de seu do- ▶

► mínio. O leitor vai perceber que um poema abre-se para outro e que há uma trama de linguagem e de sentidos que é muito atual. Que é dinâmica. Que não deixa a peteca da qualidade cair. Qualidade entendida como trabalho com a palavra. Trabalho tão bem feito que chegamos a pensar que esta poesia é feita por um espontâneo digitar na tela do computador. Como se Edypo escrevesse e dissesse: é isso aí, está pronto.

É tão fluente, tão apaixonadamente engendradora, que o possível peso de sua construção dilui-se. Rarefaz-se. E fica o sólido da imagem, do som, da ideia girando na cabeça e no coração da gente. Uma poesia que dá o recado e nos provoca. Por isso, o poeta não hesita em valer-se tanto de palavras de baixo calão como de palavras da alta tecnologia. Não importa o universo semântico. Importa o que ele faz com a palavra. O mundo é esta carnavalização entre o baixo e o alto, o sujo e o sublime, o remendado e o inconsútil. A poesia é a linguagem singular. Aquela que estremece a cabeça e o coração.

Por isso mesmo Edypo Pereira lança sua ágil poesia para leitores espertos. Antenados. Aqueles ligados no aqui e agora. Amor, humor, rancor, despavor. Enfim, uma poesia intensamente século XXI. Pra ler e vibrar. Bem-vindo *Turbolento* (Ed. Penalux).

contato

ói
ói o disco
fazendo

ziggyziggyziggyziggyziggy

hora parece star distante
(ou)tra posso escutar
um tom major

você pode ouvir?

oficina da ideia

primeiro vem martelada
no hipotálamo

crashcrashcrashcrashcrash

como se eu tivesse tatuado
na cabeça
cuthere
passa
o tempo inteiro
serrando o crânio

vrukumvrukumvrukumvrukum

picareta
de onde ela veio
&
pra onde ela vai
não sei dizer

juízo final

no telão de led do juízo final
a humanidade saberá
que você nunca fez
poemasgoodvibes

sal e espeto nas mãos de mefistófeles
aguardando a carne

vai rolar
canibalismopoemofágico
na casa de satanás

2. EXPEDITO FERRAZ JR.

Expedito, desde sua estreia com *Poheresia*, já se firmara como poeta que tem o que dizer. E, mais que isso, sabe como dizer o que quer, o que deve, o que merece ser dito. Antenado com as coisas da literatura, e arguto observador do cotidiano, com este seu novo livro reafirma a pegada certa e lírica de sua poesia.

Como poucos – como os grandes sabem fazê-lo –, ele imbrica o lirismo mais sublime a um lirismo social que denuncia as fragilidades e as fragmentações da vida – social ou entre quatro paredes. O eu-lírico, perspicaz quanto sagaz, tanto veste como despe-se, das manhas, manias, saliências e reentrân-

cias da vida e da representação dela, via palavra.

Nesta poesia a linguagem é o vetor que nos conduz ora por estreitos, ora por largos caminhos, em linha reta ou labirintos, divisando a ampla geografia aberta ou os claustrofóbicos emaranhados de sombras. Uma poesia limítrofe entre a afirmação e a negação, sem ater-se à amarra dos valores. Uma poesia que vence as mordanças, sociais ou pessoais, para avançar rumo a uma expressão que diz o não dito, que capta o pouco – ou nada visto –, que flagra a fragrância do volátil, dissolvendo-se do concreto. E nos devolve a ele em eterno retorno.

Uma poesia que engendra outra máquina dentro da máquina usual do mundo. Por isso mesmo, ler Expedito Ferraz Jr. é adentrar na densa floresta de signos que a vida, a linguagem e a poesia nos oferecem. E para a qual, estamos pouco – ou, quase sempre – nada atentos.

Por isso mesmo esta poesia é um chute na canela da mesmice, da pasmeceira, do rol beócio de estar e reagir segundo controles remotos autoprogramáveis. Ela cava um abismo face às seguranças e certezas do leitor. Deleta o conhecido. Detona o *déjà-vu*. Abre abismos aos pés de cada um. E anuncia uma possível ponte, que somente ao leitor atento é dado perceber.

Por isso mesmo, cativa, apaixonada e prende o não hipócrita, o gêmeo, o irmão que está farto do conhecido, surrado, repetido. Aquele que, por sentir fome e sede, não teme imiscuir-se no visgo da vida, no visgo das coisas. Lambuzar-se de poesia.

O livro está dividido em duas partes – uma com poemas inéditos e outra

► com poemas (alguns revistos) que compõem *Poheresia*. Reunir parte dos poemas de livro de estreia ganha relevância ao deixar claro que o poeta, ainda que com apenas dois trabalhos, já é o feliz proprietário de uma dicção própria, um modo de alinhar-se dentro da produção contemporânea – aquela composta pela mais expressiva poesia de nossos tempos. Em ambos os livros, a verve sublime e irônica, a contensão e contenção verbais ao lado dos poemas mais discursivos, a espacialização vocabular, os trocadilhos vívidos e, de fato, inusitados – quer seja, criativos – o verso intratexto, intertexto e extratextual. Resumo da ópera: um poeta que sabe o ofício do verso e não abre mão da emoção de exercê-lo com *finesse e humour*. Bem-vindo *O visgo das coisas* (Ed. Penalux).

Desconcerto

um quarteto
de cordas

um arranjo
de flores

um solo
infinito

Brinde

dois copos
ocultam
um
mesmo luar
no
espaço

O visgo das coisas

Tempo em que, pra ter ensejo,
o ser das coisas carecia
de se valer da alma dos bichos
ou de pessoa humana
(modo de sedizer).

Máquina-de-escrever, por exemplo:
pra quê? pra quem?
Mas, quando deu fé,
ela sorrindo tanto dente,

muito que brancos,
foi ficando ali que ficou sendo
máquina-de-sorrir-ainda-que-todavia.

Guarda-chuva também, resignado,
em surdo haver de ser ave noturna,
recolhido em si, mofino, desalado,
sem uso sem asa sem voo sem chuva sem chão,
dormindo pendente, no esquecido
de nunca ter sido morcego,
antes a flor enlutada,
o agourento corvo
e nunca bengala,
e não sequer seu guia.

Dos bichos alados, porém,
o janelão era o demais vivente,
suas venezianas costelas azuis
assoviando sempre e sempre,
e o grande par de asas
que se rebelava alguma vez,
mas só quando o vento suscitava,
como um gesto da mão
responde em sestro
ao zoom da escuridão de um pensamento
e sofrendo e sofrendo a deslembração
de um talvez antigo voo.

tempo em que, por ser espelho,
o visgo das coisas padecia
mísero de luz, que é sem o que
sequer as réstias das orquídeas crescem,
nem as mandalas das aranhas acontecem.

3. GUILHERME DELGADO

Estrear com um livro consistentemente estruturado, sob o ponto de vista formal, e com uma gama admirável de significados, é coisa pra poucos e raros. E Guilherme Delgado está entre eles.

Dividido em duas partes, simetricamente compostas num geometrismo espe(ta)cular, o livro é coisa de poeta que faz sabendo muito bem como se faz bem, como se faz bonito, como se faz gostoso.

Sim, porque esta poesia, sendo cabeça, é também estômago e coração. Sensibiliza e emociona porque pega o leitor pelo cerebralismo, pelo sublime – e por ambos. Sorte de quem sabe (é capaz de) recebê-la.

São vinte e dois poemas. Onze em cada campo. Digo, em cada seção. Por isso mesmo a explicitação verbal do título torna-se desnecessária – porque redundante. Basta o sinal gráfico dos dois pontos. Eles explicam tudo. Não é isso ou aquilo. Nem isso e aquilo. Nem aquilo ou isso. Nem aquilo e isso. São dois pontos. Sem nada antes nem depois. Instigando o leitor a pensar, a sentir. Convidando-o a ser copartícipe. A tomar o livro nas mãos, na mente, na emoção, na elaboração. O livro em sua unidade. ►

► Esta dinâmica reverbera clara na primeira seção, intitulada “caligrafias”, em que poetas, ficcionistas, ensaístas, e até um diretor de cinema, surgem reciclados em suas biografias pessoal e intelectual.

Guilherme Delgado recicla de dentro. Penetra o corpo da vido- bra de cada artista – e, uma vez nele, solta a poesia (do Guilherme) pra dentro da vida de representação de cada um deles (dos artistas).

Então, o gozo do texto do próprio poeta soma-se, em parcelas metemático-simétricas, ao prazer do texto do artista eleito, presentando o leitor a soma das frações fractais.

Tal processo, planejadamente *in progress*, conduz à fruição de sins, não, talvez. Entregas e dissimulações. Lances dos lados de dados que, *per se*, desenham a poesia que se fabrica – e que se concebe enquanto plurívoca: música, imagem e significado no mesmo quadrado.

A segunda seção, intitulada “aqui o eco”, reverbera as obras e seus artistas da seção um, não mais reciclando, mas como produto acabado e final da poesia deste novo poeta. Tempo de conhecimento da dicção poética de Guilherme Delgado e seu tônus poético de densa materialidade.

Se antes o poeta imiscuía-se na dança instigante da conversa entre homens inteligentes, agora coloca

sua voz no alto-falante e proclama de si, per si, por si.

Eis a voz do poeta. Eis seu livro de estreia. Que nos chega grande. Parcimonioso, mas exato. Denso. Leve. Delicioso. Deixando aquele gostinho de quero mais. Aquela vontade de já ler o livro que ainda vai chegar. Assim se faz poesia. Assim nasce um poeta. Bem-vindo : (Ed. Patuá).

caligrafia para haroldo

leio um livro e livro-me viro o livro lido e lido comigo até me ver livre que lendo-me no outro torno-me outro ou isto sou esse um ao outro que por força do hábito a um outro habito um outro que não se sabe mas desconfia que é sentido pois sinto que se isso não é tudo na vida ao menos é delícia pros meus sentidos posto que livre também livro se ao espelho shhhh rosno àquele acumulador cínico para que doe outro de seus tantos livros lidos e nesse seu doar nesse ser-se seu sem mim doa a semente de si ou simplesmente o eu le livre que mallarmé não leu livro-lenda livro-infinito livro que ele legou a quem lê livre de livros e um livro relido por dois leitor amigo já são dois livres a ler livros

VI

A fala é falo
afiado
trespassa a fenda
do grito
ampara o silêncio
tesado
faz filtro de ruídos
rimados
tem raiva mas ri
se relaxa
desembaraça
o pelo-novelo
quebra o gelo
calado
e ainda hoje
tem o seu apelo
preservado
pois haja o que
houver
ver é ágil

XI

Julgado
pronto
acabado
definitivo
julgo

Aponto
o dedo
deduro
o próprio
punho

Ponto

* * * * *

Eis um café pequeno da poesia que se produz hoje na Paraíba. Não nos faltam motivos de satisfação e orgulho. ◀

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico literário e professor titular do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Publicou, entre outros livros, *Lirismo com siso: notas sobre poesia brasileira contemporânea* (crítica), *Ahê-ô-ô-oxe* (poesia), *Muitos: outras leituras de Caetano Veloso* (crítica) e *Barrocidade* (poesia). Mora em João Pessoa (PB). Contato: amador.ribeiro17@gmail.com.

Notas

APRECIATIVAS SOBRE O LIVRO

Estudo com Poesia

José Mário da Silva

Especial para o *Correio das Artes*

A minha já longa experiência no âmbito do ensino de literatura na universidade, tendo também atuado na esfera do ensino médio, tem me mostrado que os alunos, quanto entram em contato com o texto poético, vivenciam uma modalidade de acolhimento que consorcia encantamento e estranheza. A dupla reação tem a sua peculiar razão de ser. O encantamento decorre do fato de a poesia

FOTOS: DI VULGAÇÃO



Professor José Edilson de Amorim, autor do livro Estudo com Poesia - Crítica & Ensino (EDUEFG/Bagagem Editora)



exibir belas imagens; ritmos envolventes; conceitos altamente bem elaborados; especiais modos de harmonização das palavras; enfim, uma singular maneira de promover a transfiguração da realidade. A estranheza, por sua vez, diz respeito ao fato de que as relações entre a linguagem e o real na poesia, instauram uma espécie de apagamento do referente, procedimento que faz com que os alunos sintam-se um tanto confusos e incapazes, num primeiro momento, de compreender o que estão lendo.

Em seu clássico livro *Que é a Literatura*, o filósofo Jean Paul Sartre afirma que os poetas não se servem das palavras, antes as servem, no sentido em que delas se instrumentalizam não utilitariamente, como mera moeda de troca nas comunicações mais pragmáticas do dia a dia, mas, sim, buscando apreender, nelas, todo o potencial transfigurativo e fundante que elas exibem. Não é por outro motivo que o professor Alfredo Bosi afirma que “o poeta é um doador de sentidos”.

Tal situação, não raro, faz com que muitos estudantes desistam de continuar lendo poesia, que, para eles, afigura-se um gênero da literatura dotado de hermeticidade, difícil, complicado, por vezes ou quase sempre inacessível, quando não uma tipologia textual somente passível de ser acessada pelos iniciados.

Desse modo, todo e qualquer trabalho que se pretenda pedagogicamente comprometido com uma abordagem que tenha como objetivo principal aproximar o leitor da poesia, ▶

▶ através de leituras textuais que combinam competência técnica e acurada sensibilidade interpretativa, é sempre bem-vindo e cumpre indiscutível função didática no espaço da sala de aula.

É o que flagramos no livro *Estudo com Poesia*, no qual o professor José Edílson de Amorim, integrante da Unidade Acadêmica de Letras da nossa Universidade Federal de Campina Grande, apoiado em sólida e variada fundamentação teórica, a que se acumplicia ostensivo talento no deslinde do texto poético, realiza admiráveis apreciações de um diversificado conjunto de poemas, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, José Antonio Assunção, Oswald de Andrade, Bráulio Tavares, Cecília Meireles, Chico Buarque de Holanda e Cazuza.

No caso específico dos dois últimos autores arrolados, que são consagrados nomes da Música Popular Brasileira, a tônica interpretativa do professor Edílson Amorim incide sobre a linguagem textual, em cujas teias e tramas se decidem o sucesso ou o fracasso da obra de arte literária, conforme sempre nos ensinou o mestre Eduardo Portella, paradigmático nome da crítica poética brasileira. Nesse particular, o professor Edílson deixa entre parêntesis, por julgá-la ociosa, a interminável querela sobre se a canção pertence ao território do poético e, sendo assim, se é digna de ser tomada como objeto de estudo no por vezes fechado e hierarquizador universo epistemológico da academia. Ele simplesmente reconhece que tais canções se organizam em torno de processos linguísticos dotados da inegável presença da artisticidade textual.

Além das percucientes análises poéticas empreendidas, todas elas agenciadas por uma bem sucedida metodologia matizada por cerrada aderência ao

texto, corporificada numa espécie de “paixão pelo concreto”, expressão com a qual o ensaísta paulistano Davi Arrigucci, Jr qualificou o método crítico potencializado pelo professor Antonio Candido, louve-se, no presente livro, o estilo ático da sua corretíssima redação; aqui/acolá pontuada com algumas expressões coloquiais, o que confere colorido ao texto e alto poder comunicacional. Aliás, pontue-se, desde o caráter prosaico do título do livro, que, no final das contas, esconde a enorme riqueza do conteúdo nele enfeixado, que a atividade exegética levada a cabo por Edílson Amorim é rigorosamente comprometida com o ser e o fazer do professor no ambiente concreto da sala de aula, isto é, de um professor que se preocupa com a efetiva aprendizagem dos alunos com os quais convive em seu cotidiano. Em se tratando de um professor, qualquer que seja a matéria que lhe é dada ensinar, isso poderia parecer o óbvio, mas não é. Frequentemente, corremos o risco de conferirmos ao nosso ofício uma dimensão tão abstrata e teórica, que, na prática, é como se ele nada tivesse que ver a realidade concreta da vida como ela é.

É por essa razão que o jovem e competente ensaísta e pesquisador João Cezar de Castro Rocha, professor titular de literatura brasileira da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem proposto, nos inúmeros trabalhos críticos que tem publicado que a crítica literária se exerça como uma espécie de “esquizofrenia produtiva”, expressão conceitual de autoria dele. Por “esquizofrenia produtiva” entenda-se uma modalidade de abordagem textual que nem abra mão do enorme repertório teórico emanado da teoria literária e disciplinas afins, e nem se desconecte de uma linguagem que possa ser portadora de alto poder comunicacional,

que, pelo seu esoterismo terminológico, não fique para sempre aprisionada nas torres de marfim da universidade.

Não se percebe no livro do professor Edílson Amorim, em nenhuma das suas formulações, um dos mais insuportáveis defeitos de alguns trabalhos no gênero: a aridez terminológica, o hermetismo conceitual, enfim, a chatice redacional que, na prática, só é eficiente mesmo para afastar os seus eventuais leitores, mas a presença de um leitor atento e que sabe que “a regra de ouro do analista é a leitura infatigável do texto”, lição emanada do método de explicação de textos dos franceses e, entre nós, dentre outros, tão bem praticada por Antonio Candido, sobretudo no seu didático e sumamente instrutivo livro: *Na Sala de Aula: cadernos de análise literária*, no qual, seis poemas da literatura brasileira são meticulosamente analisados, tanto em suas amiudadas filigranas estilísticas, quanto em sua destinação social.

Edílson Amorim defende a leitura, na esteira do que preconizava Afrânio Coutinho, como uma atividade dialética que consorcia impressão, análise e interpretação, etapas distintas, mas inseparáveis e interdependentes. É o que se verifica em cada uma das abordagens que ele efetua ao longo do livro, nas quais, com segurança e parcimoniosidade, diferentes recortes teóricos são convocados para a fundamentação das leituras empreendidas, como se pode ver, por exemplo, na leitura que ele empreende do poema “Cais do Corpo”, de autoria do poeta paraibano Bráulio Tavares. Leo Sptizer, que é um expoente da crítica estilística afirmava que devemos ler um texto tantas vezes quantas se fizerem necessárias, até que de repente ele se revela para nós num detalhe.

Tal lição é praticada por Edílson Amorim na leitura ▶

- ▶ do aludido poema, no qual ele percebe, depois de muito conviver com ele, para além da força estruturante de sua organização visual, a presença certa da teoria engendrada por Roman Jakobson para descrever o modo de funcionamento da poesia, segundo o qual: “A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação”, do paradigma sobre o sintagma.

Já na leitura que realiza do belíssimo poema “Memória”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, o suporte teórico de que se utiliza o professor Edílson Amorim é o que vem do mestre Alfredo Bosi, que, em seu fundamental livro *O Ser e o Tempo da Poesia*, disserta sobre o poema como sendo um complexo linguístico que acumplicia a inalterabilidade do verso com a inesgotabilidade da imagem.

É daí que parte o professor Edílson Amorim para dissecar o poema que nos fala de perdas irreversíveis e do poder compensatório que tem a memória para transformá-las em afeto, antídoto que nos ajuda a conviver com essas perdas, e não transformarmos a vida num agônico e eterno muro das lamentações.

Na leitura que realiza de “Erro de Português”, poema de Oswald de Andrade, Edílson Amorim percorre um caminho que retira o poema da vala comum de um mero poema-piada, bem típico do nosso modernismo em suas manifestações iniciais, e o aprecia como um espaço em que se confrontam dois projetos existenciais distintos: o do colonizador, e o do colonizado. Lendo Cecília Meireles, rebate a crítica apressada e descriteriosa, que de maneira míope quis ignorar o alto valor da poesia cecilianiana, para, em seu lugar, perceber a inesgotável riqueza literária e humana daquela que Vanildo Brito, grande poeta paraibano, dizia ser a mais lírica das nossas líricas. Na leitura do poema-canção Brasil, de autoria de Cazusa, o professor Edílson Amorim, a partir das sugestões semânticas pressupostas no título do texto, mostra como a singularidade da identidade pátria, nele sinalizada, vai sendo, pouco a pouco, esgarçada, emergindo, em seu lugar, um país dividido e atrocemente marcado por desigualdades sociais de toda espécie.

Embora afirme preferir trabalhar com autores que já se fizeram história na história do nosso imaginário estético e social, Edílson Amorim, sabendo, com Machado de Assis, que “não tinham tudo os antigos, não têm tudo os modernos; com os haveres

de uns e de outros é que se forma o pecúlio comum”, abre espaço para autores do aqui e do agora, cujas obras literárias ainda estão em processo, mas já exibem, e o crítico foi perspicaz em perceber, a inquestionável qualidade estética que as diferencia. É o caso de um José Antônio Assunção, autor de apenas dois livros publicados; e um terceiro, que todo mundo sabe que existe, mas não sabe onde se encontra; todos, contudo, altamente qualificados. Da poética de José Antonio Assunção, Edílson Amorim aprecia os poemas “O Doublé e Paris-Texas”, a eles consignando uma abordagem curta, mas certa, na medida em que tenta captar o traço estético e o gesto humano essencial que os norteia.

Ao abordar o poema “Duas das festas da morte”, do imenso poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, Edílson Amorim o faz de modo a divisar, em meio ao cerebralismo em que sempre se pretendeu mergulhada a poética cabralina, a indisfarçável presença da inescapável subjetividade que essencializa o fazer poético de todos os “penetram surdamente no reino das palavras”: experiência da qual nem mesmo a engenharia poética de João Cabral de Melo poderia ficar indiferente, afinal das contas, a literatura, em quaisquer das suas modalidades de manifestação, é sempre o resultado da intervenção criadora de um ser humano inserido num dado contexto histórico, o que sempre traz consigo, inevitavelmente, as marcas da visceral e insubstituível subjetividade.

Assim, por todas as qualidades constantes no livro *Estudo com Poesia*, ficamos felizes com a sua publicação; e o fazemos firmados na expectativa de que ele será sumamente útil a professores, alunos, enfim a tantos quantos amam a poesia e a consideram uma forma de conhecimento fundamental para embelezar a vida e contribuir para a elucidação do fascinante e desafiador fenômeno humano. Como certa feita afirmou Jean Cocteau: “A poesia é indispensável, se ao menos eu soubesse para quê”. ✖

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em Campina Grande (PB).

Teoria Política e Realidade Brasileira:

INCIDÊNCIAS SOBRE A CONJUNTURA POLÍTICA ATUAL

José Antonio Spinelli
Especial para o *Correio das Artes*

A coletânea objeto dessa resenha – *Teoria Política e Realidade Brasileira: incidências sobre a conjuntura política atual* (Campina Grande, Editora da UEPB, 2017, 284 p.) - é dividida em duas partes. A primeira delas aborda, em dois capítulos, temas relativos à atual conjuntura jurídico-política. O primeiro tem como foco a politização da Justiça, que coloca sob suspeita a sua isenção, constituindo-se no principal fator para o possível estabelecimento de um Estado de exceção, não previsto na Constituição brasileira.

O autor nos fornece preciosos subsídios para a compreensão do ativismo judicial em voga, e, conseqüentemente, para os perigos da judicialização da política e de sua politização. Esta apresenta maior gravidade por-



FOTO: DIVULGAÇÃO

Rubens Pinto Lyra "fornece preciosos subsídios para a compreensão do ativismo judicial em voga, e, conseqüentemente, para os perigos da judicialização da política e de sua politização"

que coloca em risco o próprio Estado democrático de direito, cuja arquitetura institucional não pode prescindir da isenção de juízes, procuradores e promotores. Rubens Pinto Lyra mostra que não se pode sucumbir à tentação de substituir a política pelo aceno salvacionista dos que concebem o Poder Judiciário como se fora um *deus ex machina*, única instituição capaz de conduzir o país a porto seguro.

Nas suas conclusões, o autor aponta para a necessidade de plataformas e agendas inovadoras susceptíveis de aglutinar todos que acreditam na importância da defesa do Estado de Direito, no aprofundamento da democracia e na busca de estratégias inovadoras que possibilitem a renovação de práticas políticas e concepções teóricas que têm, historicamente, engessado as chamadas "forças progressistas".

Já o segundo capítulo estuda as ouvidorias judiciais, examinando o seu desenho, suas atribuições e o que necessita incorporar para servir, como instrumento democrático de controle social, na contenção do corporativismo e do ativismo judicial que impregna fortemente o Poder Judiciário.

Esse estudo parte de uma importante crítica ao modelo de ouvidoria subordinada prevalecente em nosso país, destacando o que, nas ouvidorias judiciais, aproxima-se e distancia-se desse modelo e apontando a necessidade de sua abertura à sociedade, mediante a constituição de conselhos consultivos. Esse é um dos temas mais fortes e originais do livro: a defesa de ouvidorias autônomas, dialógicas e participativas. >

› A segunda parte de *Teoria Política e Realidade Brasileira* - a mais longa - examina os quatro grandes clássicos da Ciência Política (Maquiavel, Hobbes, Locke e Rousseau) e os dois expoentes do marxismo dos séculos XIX e XX (Kautsky e Gramsci). O autor se esmera na análise de como as teorias políticas mais influentes da história foram arquitetadas e de que maneira elas determinam a vida política atual.

O leitor se surpreenderá com uma abordagem inovadora que apresenta Maquiavel como precursor da democracia, aponta os estreitos limites das veleidades libertárias do pensamento de Locke, associa a teoria rousseauiana a conquistas democráticas insculpidas na legislação atual de vários países e demonstra que a teoria de Marx não moldou, como pretende o senso comum, os regimes do Leste Europeu, que desabaram com a queda do Muro de Berlim.

As teorias abordadas nesta obra são indispensáveis para o conhecimento da *democracia* e do *socialismo*, o que significa dizer, para o enfrentamento de nossos problemas sociais e políticos, mediante estratégias de contra-hegemonia, que resgatam não apenas reivindicações corporativas, mas alcançam a sociedade como um todo, inclusive a esfera ideológica-cultural.

Um traço característico dessa coletânea consiste na relação que o autor procura estabelecer entre as formulações dos teóricos por ele estudados com as realidades vividas nos tempos atuais, no aqui e no agora, sobretudo no Brasil. Para Rubens Pinto Lyra, o conhecimento da teoria só tem utilidade na exata medida em que possa servir

para iluminar a *práxis* concreta dos atores sociais.

Nas palavras do professor Luiz Eduardo Soares, prefaçador de *Teoria Política e Realidade Brasileira*

Trata-se de obra notável pela abrangência e profundidade, pela qualidade das reflexões e pelo tempero forte: as posições políticas que o autor afirma com clareza, desassombro e honestidade. Nada de meias palavras que disfarçam, sob a máscara da neutralidade, a adesão a valores históricos cujas raízes remetem às tradições republicanas, socialistas e democráticas. E, em cada capítulo, a combinação virtuosa da erudição e inteligência criativa fertiliza a primeira e munícia a segunda, superando-se dessa forma a postura escolástica que encerra a hermenêutica em seu próprio círculo.

Em *Teoria Política e Realidade Brasileira* é perceptível a marca do militante, que ao longo de quarenta e cinco anos exerceu íntima e ininterrupta convivência com as teorias aqui expostas, e com os institutos de democracia participativa,

As teorias abordadas nesta obra são indispensáveis para o conhecimento da democracia e do socialismo, o que significa dizer, para o enfrentamento de nossos problemas sociais e políticos.

para cujo estudo dedicou o melhor de suas energias – temas imprescindíveis ao entendimento de sua *práxis* política, e a de toda a sociedade.

Ressalte-se a preocupação do professor Rubens Pinto Lyra com a clareza e a objetividade de seus textos, ainda mais levando-se em conta o caráter fortemente analítico de sua obra, que não prima por truísmos nem por concessões a uma abordagem superficial, meramente descritiva. Essas características valorizam a linguagem didática, sem preciosismos teóricos, citações ininteligíveis e questões complexas, expostas, mas não devidamente explicadas.

Teoria Política e Realidade Brasileira não se destina apenas aos professores e estudantes de Ciência Política. Interessa igualmente a um público ilustrado, atento ao que acontece no país e a nível internacional, mas carente de ferramentas eficazes para conferir maior profundidade e senso crítico à compreensão da política, e aos meios de transformá-la.

As ciências sociais - em particular, a Ciência Política - carecem de textos, como os que nos são oferecidos agora, associando, sempre, o compromisso apaixonado de uma vida de luta pela transformação democrática da sociedade com a abordagem crítica das mazelas da política brasileira. Pois que, de sua superação, depende a possibilidade de se instituir uma nova "legalidade libertária", concretizando os sonhos de uma progressão contínua, lastreada no desenvolvimento econômico, na democracia, na ética e na justiça social. ✦

José Antonio Spinelli é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular de Teorias Sociológicas e docente do Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Órfão de pais vivos

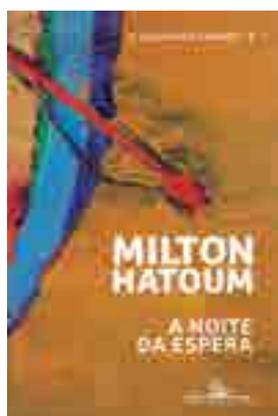


Nos últimos dois anos, Milton Hatoum foi duplamente agraciado com as adaptações de seu romance *Dois irmãos* (2000) para quadrinhos e para TV. Assinada pelos irmãos gêmeos brasileiros Fábio Moon e Gabriel Bá, a HQ recebeu, em 2016, o prêmio de melhor adaptação, pela Comic-Con International, em San Diego, conhecido como o Oscar dos Quadrinhos. E em 2017, o mesmo romance foi adaptado

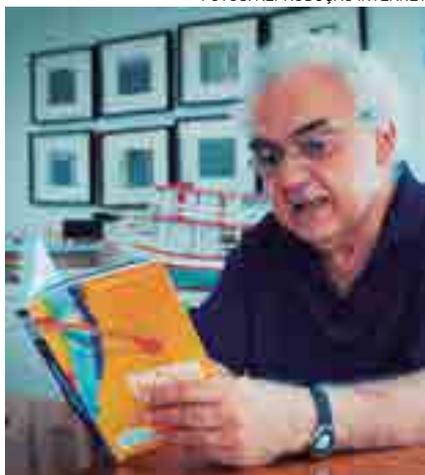
que chama tanta atenção nesse romance, afinal?

Dois irmãos apresenta uma forma que permite à narração a caracterização de ambivalente, pela possibilidade das possibilidades, pela relativização de valores como o bem e o mal, por exemplo. Trata-se de um artifício literário que tem, na figura do narrador, seu ponto axial. Narrada pelo personagem Nael, a história passa pelo filtro do seu olhar e entendimento, mas também é alimentada por outros dois narradores, o avô Halim e a mãe Domingas, que contam para Nael as histórias de seus passados. A forma como a história é narrada configura a indefinição da paternidade de Nael, podendo ser, em proporções relativamente iguais, qualquer um dos gêmeos, Omar ou Yakub. E no cerne dessa fabulação tem-se a relação entre eles e a mãe Zana que contribui para a configuração das personalidades dos gêmeos, bem como para a ambivalência, e, conseqüentemente, para o caráter dramático do enredo.

O tema da maternidade é recorrente na obra de Hatoum. Lembremos da mãe protetora de Mundo, a Alícia de *Cinzas do Norte* (Prêmio Portugal Telecom, Grande Prêmio da Crítica/APCA-2005, Prêmio Jabuti/2006 de melhor romance, Prêmio Livro do Ano da CBL, Prêmio



FOTOS: REPRODUÇÃO INTERNET



Com o mais recente romance, *A noite da espera* (2017), Milton Hatoum retorna ao tema da família

para minissérie de dez capítulos da Rede Globo, com direção de Luiz Fernando Carvalho e roteiro de Maria Camargo, que foi publicado em forma de livro sob o título *Dois irmãos - Roteiro da série*, pela editora Cobogó. O

▶ BRAVO! de literatura); a matriarca Emilie, de *Relato de um certo Oriente* (Prêmio Jabuti de melhor romance, em 1989); Angelina – a mãe morta – cuja ausência traumática marca a vida do filho Armino, em *Órfãos do Eldorado*; e, para completar, Zana e seu amor desmesurado pelos gêmeos, em *Dois irmãos* (Prêmio Jabuti, em 2001, 3º lugar na categoria romance/ indicado para o prêmio IMPAC-DUBLIN). No geral, esses romances de Hatoum tratam de dramas familiares, tendo a figura da mãe como um dos pontos centrais na configuração de tais dramas; e apresentam, como espaço narrativo, a cidade de Manaus e seus arredores, o que envolve aspectos culturais, sociais, antropológicos específicos desse lugar, mesmo que ficcionalizado. O seu livro de contos *A cidade ilhada* (2009) também reúne histórias, em sua maioria, ambientadas nesse cenário.

Com o mais recente romance, *A noite da espera* (2017)¹, Hatoum retorna ao tema da família, mas num outro espaço narrativo. Ao contrário dos demais romances do escritor, *A noite da espera* é uma história que se passa ao longe da cidade de Manaus. O Rio Negro desta vez dá lugar ao Lago Paranoá. Mudar o espaço narrativo pode ser visto como um aspecto relevante no projeto literário do escritor, mas não é o que determina a qualidade de sua escrita, obviamente. Isso porque, embora o leitor perceba, pelo lugar representado, uma certa cor local na obra de Hatoum, os temas de que o escritor trata são muito mais universais e, por isso, rompem as fronteiras do regional.

Há, provavelmente, algo de biográfico na configuração desses espaços-tempos narrativos. Manaus protagoniza sua obra porque é a cidade natal do escritor; São Paulo, Brasília e Paris protagonizam *A noite da espera* porque são cidades pelas quais o autor passou/passa, como re-

sidente em alguns momentos de sua vida. Mas isso constitui apenas uma especulação de leitora que não interfere, ao menos objetivamente, na interpretação que faço da sua obra. Os duros anos da Ditadura Militar no Brasil correspondem a um tempo historiográfico também recorrente em seus livros. E é nesse período que o enredo do mais recente romance do escritor acontece.

A forma como a narração de *A noite da espera* é construída merece uma análise à parte, dada sua engenhosidade, entrecruzando tempos (passado e presente) e espaços (Brasília, São Paulo e Paris) por meio de uma comunicação em que se destacam o gênero epistolar e anotações do protagonista. Por isso, também, é um romance de memória, ativada pelas anotações e cartas que o narrador Martim, protagonista dessa história, troca com seus amigos e sua mãe.

Se em *A noite da espera* o espaço narrativo se desloca de Manaus, o drama da relação materna se mantém. A história inicia na adolescência de Martim, num momento em que sua mãe Lina se separa do marido Rodolfo para viver com outro homem, fugida, escondida, sem endereço fixo. A narrativa não deixa claro o porquê da situação clandestina da mãe, embora ofereça algumas pistas. Esse procedimento pode encaminhar o leitor à compreensão de que as causas que levam a mãe a certas atitudes não parecem ser o ponto central da trama, mas sim as consequências que elas têm na sua relação com o filho: uma relação de silêncios, interrompidos por algumas poucas cartas trocadas. Das razões que levam a mãe a se separar do marido e a abandonar o filho, Martim rememora aquela compreendida anos depois, pelo recurso da lembrança de uma cena de choro que o garoto testemunhou: “o choro calado no rosto dela não expressava dor nem tristeza, e sim amor por outro homem” (p.171).

Martim, por sua vez, é um garoto, cuja apatia parece ser conse-

quência dessa condição de espera por sua mãe, ou ao menos pelas cartas de sua mãe, mas também da relação apática por parte de seu pai: “Talvez não fosse desprezo. Seria indiferença? Mesmo se fosse, eu não sabia como reagir ou responder à apatia paterna nem à minha própria apatia diante da vida...” (p. 128). É nessa condição de espera de que algo aconteça à sua revelia que Martim vai desenvolvendo um comportamento de apatia que passa, inclusive, por uma certa indiferença pelo contexto político crucial em que está inserido. Mas o que, de fato, Martim espera?

Órfão de pais vivos, resta a Martim buscar o amor materno em diálogos imaginários: “Imaginava cartas escritas pela minha mãe, uma pilha de cartas que caberiam num livro grosso, eu mesmo ditava mentalmente as palavras, um monólogo absurdo que me fazia rir, antes de ser tomado pela angústia”. (p. 128). É na espera por essas cartas que Martim se insere num enredo tomado por jovens estudantes como ele, poetas e artistas ativistas num cenário brasiliense cercado, por um lado, de políticos e funcionários da burocracia estatal, por outro, dos militares. É nesse meio que Martim se perde, encontra-se, move-se, paralisa, abandonado também pelo pai. A sua vida de silêncios e vazios em relação aos pais só parece fazer sentido nas cartas de sua mãe, que vão rareando conforme o tempo passa. “Tanto amor em silêncio. Minha mãe fala demais, Martim. A tagarelice, a eloquência do desamor. O que você prefere? Não quer pensar nisso?” (p. 84), questiona-o a amiga Ângela.

Amar em silêncio é o que caracteriza esse personagem. O “silêncio bruto” do pai que também o desconcerta. Nessa ausência das palavras dos pais, a escrita de Martim parece constituir sua tábua de salvação pela qual tenta se comunicar imaginariamente com o mundo que também vai rareando, num vazio que segue num crescendo: “Num ▶

¹ Todos os livros de Milton Hatoum são publicados pela Editora Companhia das Letras.

▶ dos cadernos de 1971 há poucas palavras, poemas em farrapos, inacabados: a escrita refém da depressão que me paralisou [...] a vida se esvaziava com o silêncio de Lina, e eu me inquietava com o ódio de Rodolfo [...] ódio ou desprezo a pessoas que faziam parte da minha vida me levava a pensar que ele desejava injuriar o próprio filho” (p. 127).

Em resumo, *A noite da espera*, como o próprio título anuncia, é uma história de espera, emoldurada por vazios, silêncios, apatia, em que a figura materna é mola mestra na configuração desses estados existenciais. Por outra razão, mas mantendo a coadunação dos temas, o pano de fundo é um cenário historiográfico também silenciador porque é repressor e sangrento. Quem poderá soltar a voz, as palavras, num contexto historiográfico ditatorial, representado pela repressão? A apatia do personagem central dentro desse contexto pode representar, também, uma apatia mais geral e que alcança, inclusive, os dias atuais do Brasil? A depressão por que passa Martim, em razão dos vazios em suas relações afetivas de formação, responsabilidades vindas do pai e da mãe, poderia ser interpretada como uma depressão mais geral? Como se pai e mãe fossem, também, uma representação de pátria e de mátria, tendo na língua (as palavras das cartas e das suas anotações) um meio de preencher os vazios, inclusive na condição de expatriado de Martim quando deixa o Brasil para viver em Paris? “Talvez seja isto o exílio: uma longa insônia em que fantasmas reaparecem com a língua materna, adquirem vida na linguagem, sobrevivem nas palavras...” (p. 210).

Esses questionamentos me levam a uma interpretação de que o tema da maternidade, em *A noite da espera*, parece extrapolar a relação entre dois personagens caracterizados pela condição de mãe e filho. O romance permite, além disso, pensar a maternidade como algo mais abrangente: a mãe pátria, a mãe língua. Salva-



Em A noite da espera, o Lago Paranoá (foto), em Brasília (DF), substitui o Rio Negro enquanto espaço narrativo

“Talvez seja isto o exílio: uma longa insônia em que fantasmas reaparecem com a língua materna, adquirem vida na linguagem, sobrevivem nas palavras...”

guardados os exageros na minha interpretação do romance, assim como Martim, parece que seguimos à espera. Atualmente, somos uma sociedade com uma sintomatologia geral de apatia e de depressão. Trata-se, portanto, de um romance que fala, também, de nosso tempo, mesmo demarcando um tempo historiográfico que já faz parte do passado da história do nosso país. Um passado, diga-se de passagem, ainda tão presente em certos aspectos.

A noite da espera faz parte de uma trilogia que Milton Hatoum está produzindo, intitulada *O lugar mais sombrio*. O título anuncia um projeto literário voltado para um compromisso com a representação de um lugar, que pode ser um ambiente narrativo ou um estado existencial de seus personagens. Esperemos, então, os romances que virão, para adentrarmos, de novo, nesses lugares (físicos/ficcionais e existenciais) tão inquietantes e que Milton Hatoum recria com mãos de mestre, o que vêm conferindo uma inegável qualidade literária a sua obra. ✦

Analice Pereira é crítica de literatura, ensaísta, contista e professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Mora em Belo Horizonte (MG).

Por que escrevemos?

Eltânia André

Especial para o *Correio das Artes*

A literatura é sempre uma expedição em direção à verdade.

Franz Kafka

Várias já foram as tentativas para responder essa pergunta desafiadora e instigante – por que você escreve? Sei lá por que escrevo! Que fatalidade é esta? Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever (**Clarice Lispector**); Escrevo para salvar a alma (**Fernando Pessoa**); Para não precisar matar ninguém na vida (**João Gilberto Noll**); Para ganhar a vida (**Faulkner**); Escrever é hábito para se entender a loucura humana (**Autran Dourado**); Escrever é minha maneira de viver (**Flaubert**); Escrevo para viver, para respirar (**Ronaldo Cagiano**); Para que meus amigos me amem mais (**Gabriel García Márques**); Escrevo para apagar meu nome (**Georges Bataille**); Escrever... foi a única coisa que habitou a minha vida e a única que a encantou (**Marguerite Duras**); Por excesso de ser ou por falta de ser (**João Cabral**); Escrevo para ser, escrevo para segurar nas minhas mãos inábeis o que fulgurou e morreu (**Vergílio Ferreira**); Escrever é uma luta contínua com a palavra. Um combate que tem algo de aliança secreta (**Julio Cortázar**); Escrever é uma bênção (**Octavio Paz**); Escrevo possivelmente para driblar a inquietude; para, quem sabe, não deixar a esperança se desvanecer de vez. Sei que não abro mão dos momentos sublimes da escritura, instantes em que palavras e eu nos enrodilhamos em afagos mútuos – inexprimível entretecimento de canduras (**Evandro Affonso Ferreira**).

Quero avançar a reflexão em busca de hipóteses para a pergunta na primeira pessoa do plural: por que nós escrevemos? **Emanuel Medeiros Vieira** formulou uma resposta coletiva: Escrevemos para perdurar, para vencer a poeira do tempo, para despistar a morte, para regar nossos fantasmas e ob-

sessões, para nos comunicar. Freud, recorreu com frequência à literatura para subsidiar suas investigações sobre o inconsciente. Ele afirmava que “Existe um caminho de volta, que leva da fantasia à realidade: é a arte” e, ainda, “Seja qual for o caminho que eu escolher, um poeta já passou por ele antes de mim”. Em seu ensaio “Escritores Criativos e Devaneios”, Freud indica uma proximidade da atividade criativa da escritora/escritor com o brincar inerente à criança. Assim como a criança nas atividades lúdicas, também as escritoras/escritores levam a sério suas produções, e a essas ações conferem legitimidade. A criança está socialmente autorizada a brincar, porém com a transição para a adolescência, ou melhor, com despertar da sexualidade, há um distanciamento das brincadeiras. Os adultos sentem-se envergonhados e abdicam do prazer de brincar, mas se existe prazer, por certo haverá uma dificuldade quanto a essa renúncia marcada como uma imposição. Em consequência dessa renúncia desencadeia-se uma troca possível por meio da fantasia, da assunção de elementos alegóricos ou supra reais. O devaneio pode ser entendido como um herdeiro do brincar. Porém o brincar é explícito e o devaneio é particular e oculto pelo inconsciente, aí revelando uma projeção onírica. Cria-se suas histórias, investe com dedicação na produção de sua obra ficcional e muitas das vezes apresentam seus personagens com uma imaginação aguçada. As escritoras/escritores criativos expõem suas subjetividades, suas fantasias sob um manto de dissimulação, em que o disfarce faz parte do jogo de sedução, o que funciona como algo poderosamente atraente ao público leitor. Segundo a



Clarice Lispector



Evandro Afonso Ferreira



Gabriel García Márquez



Emanuel Medeiros Vieira



Gustave Flaubert



James Joyce



Gilberto Noll



Julio Cortázar



João Cabral de Melo Neto



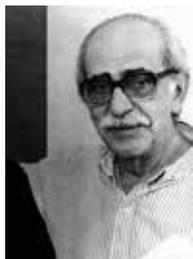
Octávio Paz



Ronaldo Cagiano



Vergílio Ferreira



Autran Dourado



Elvira Vigna



Marguerite Duras



William Faulkner



Fernando Pessoa



Georges Batailles

portável. **Elvira Vigna** afirma que “Para fazer literatura você tem de ser terrivelmente sincero. E é incrível: se você atinge a verdade, está fazendo ficção, que é mentira”.

E o que a leitora/leitor poderia significar para quem escreve? **James Joyce**: “A única exigência que faço aos meus leitores é que devem dedicar as suas vidas à leitura das minhas obras.” Uma obra ganha movimento e vida em outras mãos, por isso é importante ser lido. O sentido construído pela criadora/criador da obra vem do outro. Os códigos secretos da obra são desvendados por quem lê e não, exatamente, por quem produz, tira-se de um mesmo livro vários sentidos.

A experiência estética de escrever tem sentido fechado, escrever é um ato solitário. A indiferença das leitoras/leitores ou da crítica quando o livro se torna público, suponho, possa ser o resultado mais torturante para quem o escreveu, bem pior do que a crítica negativa. Todavia, pelo que percebo não há o recuo no ato de escrever, esse recurso inconsciente aprendido para lidar com a angústia e com o

prazer, mesmo assim produzem-se outras obras, a história mostra que muitas escritoras e escritores nunca foram reconhecidos, outros apenas depois de mortos, mas não desistiram.

Concluindo, à moda de **João Antonio**: A literatura não dá sossego a quem se mete com ela. ✖

Concluindo, à moda de **João Antonio**: A literatura não dá sossego a quem se mete com ela. ✖

Eltânia André é escritora e psicóloga, autora de *Manhãs adiadas* (contos, Ed. Dobra), *Para fugir dos vivos* (romance, Ed. Patuá) e *Diolindas* - em coautoria com Ronaldo Cagiano (novela, Ed. Penalux). Mora em Lisboa, Portugal.

♦ interpretação de Freud, subsiste um componente libidinal relevante tanto no brincar da criança, quanto na produção literária, bem como nos devaneios dos adultos. Há uma espécie de investimento incons-

ciente na fantasia tanto com o objetivo de corrigir, quanto com a intenção de burlar a realidade, glosando seus efeitos danosos, a qual para o sujeito, seja ele criança, artista, mulher e homem, é angustiante e insu-

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SÁVIO

Jon M

a
asa est
a asa feita
silêncio
este berro
berraria:solidão

tua pena tinta
o meu catálogo
de ausências:
o vinho que gela
sem tua vinda
a derradeira soma de
teus cabelos no
ralo do banheiro
as tardes que o céu
gangrenava guará

toco
e de leve tua librina
leva estes dedos
lava essa dança:
sereno

chuva nua
no sexo liso
tua
derme:nuvem:neve

Se

há outras caras em
outros poemas apagados
caras esquecidas
poemas guardados
cinzas
caras-caminho de ti
poemas-pedra
passagem
pedágio
poemas-plágio

Se

há outros poemas antes
do teu
por erro do tempo
- trapézio de deus-

são

poemas apenas
versos-isca
risco
sem nome

poemas-espera
do dia
que virias
ser salvação
alforria
Sebastiana, Diana, Luzia

oreira

Yara

Para Cris e Chico

mão de aninhar
manhã
acorda
o galo
no seu canto
alado
como quem
nasce com sol
que só
sabe nascer
chora
em paraíba
em quase
dia nascido
em mãos que te alguidaram
mar que te invade Francisco

Alceu Valença

um dia a morte devorará alceu valença
e todos os flamboyants do recife
beberá os rios sem plumas
e as motos que costuram
a própria mortalha
descerá as ladeiras aos tropeços
engolindo esquinas, bares, farmácias,
igrejas, olinda inteira
amolecerá os caralhos de brennand
e tirará das ruas as putas do antigo
recife-aquário refém-de-mar
se ouvirá cidade saudade e só



Jon Moreira é paraibano, natural de João Pessoa (PB), onde reside. Publicou em 2015 o livro de poemas *Anjo Diluidor*, pela editora Patuá. É mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente, dedica-se ao doutorado na mesma instituição e à produção do seu segundo livro.



Risos, canções e tiroteios

E Não fui amigo pessoal de Múcio Leal Wanderley (1918-2009), mas, com ele bati bons papos em casuais encontros, muitas vezes nas entradas ou saídas de alguma sessão de cinema. Lembro que a última vez foi depois de uma sessão noturna de *Moulin Rouge - amor em vermelho* (2001), ele me confessando, tristonho, que a sua audição já fraca não lhe ajudava na curtição de um musical.

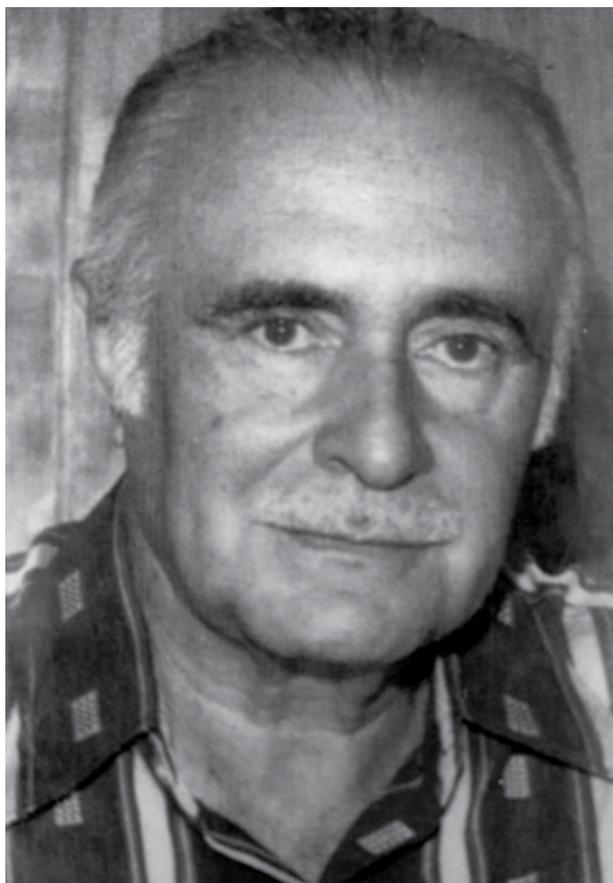
Seu trabalho de cinéfilo estudioso da sétima arte, no entanto, eu conheço bem. Tenho todos os seus livros e cheguei a fazer o prefácio de um deles, *Telas e palcos* (1999).

Pois há pouco me procura sua filha, Adette, e, em confiança, me põe nas mãos algo que eu nem sabia que existia: os originais de um livro que o pai deixara inédito. Segundo Adette, esse conjunto de textos foi escrito ao longo de muitos anos, sempre de-

vagar, o autor voltando a eles de tempos em tempos, retomando e parando de acordo com a saúde e a disposição do momento. O material todo está datilografado, com várias correções à mão, feitas pelo autor, às vezes cortes de parágrafos inteiros, outras vezes, acréscimos manuscritos entre as linhas.

Na verdade, o livro deveria ter sido publicado agora, digo, em janeiro de 2018, quando, no dia 17, se completariam 100 anos do nascimento do autor. Dificuldades de localizar os originais e outros percalços, porém, impediram esse feito e, em vista disso, combinamos que ao menos uma notícia sobre esses originais já constituiria uma forma de celebração, e é neste sentido, de homenagem respeitosa e afetiva, que redijo estas linhas.

Trata-se de um bem fornido trabalho sobre três gêneros que foram tão importantes na história do cinema e no desenvolvimento de sua linguagem e de seu



Múcio Wanderley reunia todas as qualidades para falar - em seus livros - de cinema

FOTOS: ACERVO DA FAMÍLIA



imagens amadas



Charles Chaplin, Fred Astaire e John Wayne: três nomes que não podem faltar em qualquer história do cinema

► imaginário, a saber, a comédia, o musical e o faroeste. Com o sugestivo título de *Risos, canções e tiroteios* – e o subtítulo *De Chaplin a Astaire e J. Wayne* – o trabalho reconta, em partes separadas, o surgimento e a formação de cada um desses gêneros.

Em cada uma dessas três seções estão abundantes informações sobre as origens do gênero, os primeiros filmes que codificaram sua semiótica e as muitas figuras que o praticaram, dos produtores aos roteiristas, passando, claro, pelos atores e atrizes que consolidaram sua mitologia. Em alguns casos, os filmes mais importantes do gênero tratado recebem comentários especiais. O périplo recoberto vai da invenção do cinema, em 1895, ao final dos anos cinquenta. Não há uma bibliografia citada no final, mas percebe-se que Múcio Wanderley estava bem familiarizado com os historiadores de seu tempo, como os eminentes Jean Louis Rieuepyrout, Angel Zuñiga, George Sadoul e outros, alguns deles mencionados no corpo do texto. No final de cada uma dessas partes vai-se encontrar uma providencial filmografia essencial do gênero.

No caso da primeira seção do livro, “Risos”, por exemplo, parte-se de uma referência a *O jardineiro regado* dos irmãos Lumière – a primeira “comédia” da história do cinema – para avançar para a Companhia Keystone na Hollywood primitiva, e então, para Mack Sennett, Mabel Normand, Zuzu Pitts, Marion Davis, Chaplin, Lubitsch, Buster Keaton, os irmãos Marx, o Gor-

do e o Magro... Ninguém que fazia rir fica de fora.

A segunda seção do livro, “Canções”, dedicada ao musical, começa tratando da passagem do cinema mudo ao falado, formulando a pergunta: “Afinal, o que é um filmusical?”. E, fora de ordem, a resposta, ou melhor, as respostas, vêm na prática: primeiramente os tenores, barítonos e sopranos, de Dennis King a Lawrence Tibbett, e mais adiante, a lista criativa dos iniciadores René Clair, Rouben Mamoulian, King Vidor e Ernst Lubitsch. Um trecho é dedicado ao papel do produtor Zanuck e um outro faz uma interessante incursão na relação do musical com o *thriller*. Um outro ainda relata o desempenho do musical no período da Segunda Guerra. E claro, seguem-se os nomes e as performances pessoais dos muitos que, por trás ou na frente da câmera, fizeram o melhor do gênero na Hollywood clássica: Busby Berkeley, Fred Astaire, Ginger Rogers, Jeanette McDonald, Nelson Eddy, Bing Crosby, Judy Garland, Mickey Rooney, Arthur Freed, Vincente Minnelli, Stanley Donen, Gene Kelly... até Doris Day e Frank Sinatra.

A mais longa das três, esta seção sobre a comédia ainda inclui um longo apanhado sobre a Chanchada brasileira, desde seus primórdios nos anos trinta, até o final da década de cinquenta.

Enfocam-se aí os anos de glória da Atlântida e ainda há um espaço para a companhia Vera Cruz. Como seria de se esperar, esta seção do livro se fecha com a pergunta: por que o musical morreu?

Finalmente, a terceira seção do livro, “Tiroteios”, vai atrás do *background* do *western*, suas histórias verídicas e seus mitos, como Buffalo Bill, Buck Jones, Durango Kid e tantos outros. Um estudo actancial comenta os personagens, os cenários e suas características: o mocinho, o bandido, os índios e o meio ambiente. Embora curto, um trecho essencial é com certeza o que tem o subtítulo de “Ascensão e queda do filme de mocinho”. Reais ou ficcionais, alguns dos fatos e fatores que marcaram a conquista do Oeste americano vêm à tona, como: a caravana de Oregon, a grande jornada dos carroções, a figura ímpar do cavaleiro solitário, a curiosidade dos “cowboys de saia” como Anne Oakley e Calamity Jane, etc... A seção termina com uma breve revisão do filme faroeste nos anos cinquenta.

Risos, canções e tiroteios é dedicado, não aos pesquisadores e especialistas, mas aos espectadores comuns: “a todos aqueles que um dia ocuparam a primeira fila” reza a sua afetuosa dedicatória. O que não nos impede de afirmar que, se publicado, teremos em mãos um livro de História do Cinema. Outros há e muitos, mas este foi escrito com paixão por alguém que, na condição de exibidor e cinéfilo, testemunhou essa história, e que soube reconstituí-la com precisão, carinho e elegância.

No prefácio que fiz para *Telas e palcos* comparo Múcio Wanderley ao proprietário do cinema “Splendor” do filme de Ettore Scola (1989), aquele exibidor bem mais interessado na tela do que na bilheteria. Aqui, com mais convicção que antes, repito a comparação.

É vamos aguardar o livro. ✖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. É autor, entre outros livros, de *Imagens amadas*. Mora em João Pessoa (PB).



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

O APRENDI ZADO EM **José** **Américo**

Gonzaga Rodrigues
Especial para o Correio das Artes

Na reunião preparatória para este encontro achei de lembrar a necessidade, na hora presente (sobretudo por conta desta hora) de se rever, ainda que por cima como agora o faço, o processo de formação intelectual e de experimentação literária que precedeu o surgimento do escritor e homem público

José Américo, mais que tudo o escritor, a partir de *Reflexões de uma cabra*, escrita aos 35 anos para uma revista efêmera, *A Novela*, iniciativa de um grupo de intelectuais ainda animados por Carlos Dias Fernandes.

Em 1976, na entrevista a Aspásia Camargo, entrevista que resultou num ▶

► painel dos mais amplos sobre o Nordeste e os seus valores, José Américo dá-se ao luxo de confessar não ter levado a sério essa primeira aventura no mundo da ficção:

“Foi uma brincadeira (...) uma pilhéria.”

E remenda, para se consertar:

“Mas foi justamente por causa dessa novela em série, que me pediram para fazer, que fiquei animado a escrever *A Bagaceira*”.

Ora, a animação aí não vem de graça ou pela via ingênita da vocação. Ainda que o memorialista espontâneo ou sem afetações do *Antes que me esqueça* não deixe de valorizar, embora veladamente, a vocação inata da criança selvagem, íntima dos mistérios da natureza e já se iniciando nos desafios aos imprevistos e traições da vida comum.

Vemos isto muito bem nos primeiros capítulos desse livro de ancião com letra e alma de menino. Ainda sem saber ler, mal entrado na carta de abc, o menino foi levado a cavalo pelo irmão mais velho, que o instigara a dizer de casa em casa que queria ser homem de letras.

O irmão parava em cada terreiro e ordenava:

“- Pergunte a este menino o que é que ele quer ser?

Ficava olhando para mim e eu dava a resposta: “Homem de letras”. Outra parada e a mesma pergunta. Eu dava o recado de cor, gaguejando o que me tinham posto na boca.”

E surte a crença naquilo que o povo chama tão propriamente e com tanto sentido de dom, o dom de nasença:

“Ficou-me esta mania que tanto bem e tanto mal me tem feito.”
Mania? – indagamos ago-

ra. Ninguém veio saber melhor a extensão semântica desta palavra do que o filólogo e senhor dos segredos e mistérios da língua brasileira, nordestina. Ninguém melhor que o jovem analista dos clássicos, mas senhor de sua própria linguagem. Linguagem de sentenças, ajustada ao indispensável como se para cada coisa só existisse uma palavra.

O José Américo pós seminário, habitando como estudante de direito os recessos menos devassáveis pela maioria; transportado, quase fisicamente para o que realmente viria a ser, tão forte era a vontade de seus sonhos e aspirações.

Nisso, quase todos o achamos vaidoso. Ainda há pouco um irmão de afinidades a quem pedi para ler o discurso da “Cadeira vazia”, mesmo achando uma página extraordinária, fez reparo na vaidade. E eu me lembrando: “Sou vaidoso porque posso”, respondeu ele da tribuna do Senado a Góes Monteiro.

Joaquim Inácio, seu colega norte-rio-grandense que faz parada de 14 dias na João Pessoa de 1924, assim o perfila: “Um esquisitão, sofrendo de miopia, a pendurar constantemente um pince-nez incômodo, mas uma alma de grego. Escritor sizudo, profundamente identificado com as necessidades da terra, que nos aparece agora, ruidosamente, com um livro que agita os mais palpitantes problemas, com admirável bom senso, visão social ampla e segura.”

Livro de escritor e de cientista, o *Paraíba e seus Problemas*.

Ainda não era o livro que viria demarcar a literatura brasileira. Mas o livro que o tornaria condutor consciente das políticas e atitudes do secretário geral do governo João Pessoa, do revolucionário de 30, do ministro de Estado, do candidato a presidente, do der-

rubador da censura e do regime que cortara os seus passos para a Presidência, do homem público enfim.

Livro de escritor pleno, consciente, que incumbido de um relatório de época, de encomenda conjuntural, sai em busca do instrumental próprio, das informações e ciências de que podia dispor para dar ao Nordeste o seu melhor tratado ambiental e histórico-social. De então e, no fundamental, ainda de agora.

O aprendiz de Vieira, de Luiz de Souza, de Garret; o leitor de romances e dos neotomistas com passagem adicional pela dialética de Hegel, associa agora à experiência sensível de criatura natural do Nordeste, vivente do mundo físico e social, a leitura dos tratadistas de Economia, Sociologia, Geografia, Geologia, Arqueologia, Etnografia, autores e tratadistas normalmente fora da linha de leitura do que antigamente rotulavam de “humanidades”. Sem falar no arcabouço assimilado na nossa crônica colonial e na História consolidada por João Ribeiro e Capistrano.

A Paraíba e seus Problemas foi o livro que mais exigiu da vivência cultural, da pesquisa, e da atualização em todos os ramos do escritor de 35 a 36 anos, dividido entre a leitura e a prática jurídica e o potencial literário.

La esquecendo: também foi filólogo. Não conseguiu livrar-se da maleita clássica numa ordem de prioridade que só o tempo, a sabedoria do patriarca o fez desgarrar sem deixar vestígio daquilo que ele mesmo chama de sainete clássico:

“Fartei-me de ler os portugueses: todo o Camilo, todo o Castilho, todo o Herculano, todo o Garrett. (...) Acabaria apreciando Gil Vicente, Rebelo da Silva, Frei Luiz de Souza e Padre Antônio Vieira.”

► Foi um passo para o linguista, o filólogo, embrenhando-se por fastidiosas polêmicas.

Achando pouco Vieira, correu para a eloquência francesa de Bossuet, Laccordaire, o dominicano Didon, o Montalverne francês que ele deve ter visto na adolescência do seminário, fantasmas já no meu tempo, sem a mais remota menção nas leituras de hoje.

A pretexto de advogar, largara a promotória de Sousa para se recolher em Guarabira, de onde é tirado para a Procuradoria Geral, onde passa onze anos a fio, a seu ver “marcando passo”, ainda que reconhecendo (são palavras dele) “a grande experiência das fórmulas de equilíbrio que a Justiça regula.”

“Essa vida retirada serviu-me para sistematizar meus estudos. Comprando livros diretamente na França, na Itália, na Inglaterra, além dos espanhóis adquiridos no Rio.

Fiquei preparado para escrever *A Paraíba e seus Problemas*, o que tenho de melhor, embora um pouco enfático.

É por essa confissão que nos permitimos avaliar, tangencialmente, o esforço de preparação intelectual e artística inseminada no pequeno “homem de letras” da travessura imposta ao menino de camisão perdido nas matas fechadas de Areia.

Perdido, mas atinado. O menino teimoso, o seminarista teimoso, o literato teimoso, o homem teimoso, na vida, nas letras, na consciência da política como bem comum.

Finalizemos com as suas próprias recordações. É o solitário de Tambaú remontando a um episódio de infância que nos remete àquela sentença de autor inglês tão bem aproveitada por Machado: “A criança é o pai do homem.” Veja-se isto na força comovedora de suas palavras, tiradas do *Antes que me esqueça*:

“Maximiana, a mulata trintona que ajudava a criar-me, despediu-se da casa, sem dar satisfação. Foi-se embora, deixando de preparar-me o espírito para o choque que causava.

“Era desamorosa, mas dispensava-me cuidados que me faziam viver sempre agarrado à barra de sua saia. (...) Notando-lhe a falta, andei a procu-

rá-la na cozinha, nos quartos, na dispensa, na capela, no muro que ficava ao lado, por todos os cantos, sem conseguir dar com ela. Barafustei atrás das portas, debaixo das camas e, desenganado, saí pelo terreiro. Como tinha chovido, um cururu amarelo e corpulento trafegava na lama com a língua comprida e rubra, a encher-se de tanajuras.

“Bati por outros lugares, até chegar a esse absurdo: se não era encontrada ali, só estando na mata. Para a minha imaginação nascente, havia dois mundos: a casa e a mata fronteira que se apresentava como um refúgio inviolado. Naquele recesso, as sombras penetravam antes de anoitecer.

“A cabeça fantasista começava a trabalhar. Ela tomava conta de mim e largava-se para tão longe que eu não podia adivinhar. A massa verde chamava-me para descobrir o segredo e botei-me para lá, gritando pelo seu nome, la-deira abaixo, aos tombos, amassando o mato ralo e ferindo-me nos espinhos.

“Atravessei o baldo do açude a caçá-la. Ninguém. Parava tomando fôlego ou para escutar-lhe a tosse, o grasnado da bronquite que iria morrer com ela. Ninguém. Ninguém me aparecia. A voz rouca que, nas noites frias do brejo, me ninava tossindo, emudecera.

“Eu estava arrasado e precisava de colo.

“Morto de cansaço, deitei-me à sombra de um araticum-cagão, cujos frutos caíam no chão, espapaçados, como uma poia. E um formigueiro aceso deu em cima de mim, queimando-me o corpo.

“Afinal, fui encontrado, largado nos calumbis, sujo e escoriado. O corpo nu estava todo arranhado, como se tivesse sido costurado com linha encarnada.”

Isto é o que veio com ele e continuou por muitos e futuros desafios audazes.

(Texto lido por ocasião do seminário da Academia Paraibana de Letras, dedicado a José Américo de Almeida.) ◀

Luiz Gonzaga Rodrigues é jornalista e escritor. Membro da Academia Paraibana de Letras (APL), é autor, entre outras obras, de *Notas do meu lugar* (Acauã), *Retrato de vida* (Ideia) e *Café Alvear-Ponto de encontro perdido* (Textuarte). Natural de Areia (mas registrado em Alagoa Nova), mora em João Pessoa (PB).

A leste dos homens, UM OLHAR PELA EMOÇÃO

Ronilson Ferreira dos Santos
Especial para o *Correio das Artes*

Ao atender ao telefone, deparo-me com uma voz elétrica carregada de uma energia que me fez visualizar de imediato Políbio, porque sua voz carrega uma força que se espalha no corpo pelos olhos, pelos gestos e pelo sorriso largo e livre.

Senti-me perto e imediatamente distante quando me fez o convite para apresentar seu livro *A leste dos homens*. A resposta foi imediata que sim, pois este convite era de um amigo para outro amigo e, junto a isso, a honra e a confiança dada a mim para tão singelo ato.

Leitor da literatura polibiana, esta chegou recente em minhas mãos e parece que já vinha lendo há tempos. Ela foi apresentada por uma amiga, Francisca Gadelha, que colocou o nome de Políbio Alves para ser o homenageado do Projeto Recital de Poesias, do qual sou idealizador e coordeno até hoje sua construção, que já acontece há 15 anos no Colégio Doroteias, no Castelo Branco, homenageando os poetas da terra.

zador e coordeno até hoje sua construção, que já acontece há 15 anos no Colégio Doroteias, no Castelo Branco, homenageando os poetas da terra.

Ao receber *Varadouro* e *Objetos Indomáveis*, a primeira coisa que fiz quando comecei a ler os primeiros versos de “Varadouro” foi correr até a estante, pegar o dicionário e não mais desgrudá-lo de mim, foi meu companheiro nessa empreitada de leitura polibiana que começou a descortinar meu olhar sobre o processo da escrita.

Já tinha ouvido falar, lido, mas ainda não tinha apreendido, de fato, o fato de o poeta ser lapidador das palavras. E é pela palavra que traço aqui o meu olhar sobre o livro *A leste dos homens*. Não enveredarei por uma análise linguística, literária, carregada de preceitos que bebem na filosofia e se assentam nas categorias literárias próprias de uma narrativa. Aportarei na emoção. Digo da emoção de ler Políbio Alves, pois é assim, pela emoção, que dialogo com meus alunos do Ensino Fundamental e Médio as leituras poéticas e romanescas. Eles sentem prazer em descobrir que a palavra que esculpe um

► texto revela uma verdade, um dizer, um sentido daquele momento de produção. E descobrir esse sentido é botão gerador da emoção. Então pensei exatamente nos meus alunos para traçar alguns olhares sobre o romance recente do escritor.

O título nos abre algumas considerações. Pensemos em **Leste** – que dicionarizado significa direção – sol – luz – esperança – esperança de um narrador diante dos fatos relatados causados pelo viés político ou: **Leste** – posição que fica à direita de quem olha para o norte. E o narrador busca, nessa luz, fugir do oeste, do poente, da luz que se esconde nas trevas da história e que o narrador não quer mais lá ficar, daí buscar o leste, a luz que aponta o caminho.

Portanto, apreendemos um desabafo do narrador como forma de catarse, de expurgar todo mal causado pelos homens num dado contexto histórico. É uma catarse como forma de libertação, libertação esta que se constitui através da memória de um narrador que se encoraja para revelar uma dor alicerçada num contexto político-ideológico que marcou a ditadura no Brasil. E essa emoção dada à narrativa foi a emoção que apreendi e que me fez pensar nos meus alunos lendo este livro.

A sensação da leitura do livro *Um – Os cavaleiros barrocos guardam a cidade* – é cirúrgica, sem anestesia. É dado um corte e a dor vem de forma intensa, sem medo nem restrições, como revelam as seguintes passagens: “Os corpos são vistos de longe se atirando pelos telhados...”. Percebemos uma morte personificada, é como se os corpos estivessem fugindo dali num voo rasante, desconcertados. Eram corpos silenciosos. Ou ainda “... os delatores utilizaram a própria língua – como todo subserviente – para dar brilho nos coturnos ainda úmidos de sangue.” – Sentimos nessa passagem uma subserviência desenhada de forma humilhante, onde os covardes-delatores são construídos pelo medo.

Contar tais fatos exige do

narrador abrir a memória, deixar que por ela saia um gemido abafado ou um alarido de vozes que se espalham e se perdem no calabouço da vergonha. Descrever aquilo que foi materialidade da dor só cabe na coragem de amor pelo ofício. Pois, sentir-se no meio daqueles soldados ornados com traços barrocos, desde a vestimenta até a posição das mãos sobre os fuzis, que dão o movimento das atrocidades, é, por dever de escritor, contá-lo sem algemas na voz. Isto porque, dos coturnos negros e ensurdecadores, visualizamos a cor da dor que o escritor tão bem fez nesta aquarela de palavras de cor de sangue.

É um autor que se apossa da memória e assume o imaginário que dialoga com o histórico, com os miseráveis e com a cidade numa dialética entre o lembrar e o dizer ficcional.

E é assim que o segundo livro, intitulado - *O estranho brilho nos olhos do cão* -, nos recebe. É um canto que começa com grandes olhos sobre uma tela de cinema que nos engole. É uma descrição que se sustenta pelo contra-plongée. É como se a câmera tomasse os telespectadores por trás, focalizando a ponta das suas cabeças e finalizasse na imagem dos grandes olhos que estão na tela e este imperasse sobre os sucumbidos. Confesso que meus lábios e olhos também tremeram, poeta. O filme ultrapassa os limites da censura, sim, como diz o narrador, e dessemboca na cidade.

Esta se personifica com “músculos de pedra calcária” e “se reveste com as rugas do tempo”. E é por esses sulcos da arquitetura que a memória se materializa pela oralidade, pois é ali que se escondem as histórias não registradas dos acontecimentos no Varadouro. Ou seja, a cidade é quem nos conta, traz na sua sinonímia as determinações do poder.

Nas suas estreitas ruas, becos, paços e ladeiras escondem-se um pouco da história e descobrimos que a tortura não foi um momento único, singu-

lar de uma época, mas que se alastra por tempos remotos, esconde-se nos casarões, revela-se nos quarteis e se encerra nas águas de uma praia em Cabedelo. Pois é, a tortura é antes de nós, por isso o narrador “canta para os miseráveis derrotados” que ocuparam os espaços silenciosos de sangue do Varadouro.

E assim, chegamos ao terceiro livro, intitulado - *Os hóspedes do paraíso*. O canto canta realmente esses miseráveis que “vagam pela vida derrotados”. Não têm nomes. E até têm. São nomeados por letras Z, MD, Y, X. São substantivados. Lembrei-me dos personagens de Graciliano: Menino mais novo e Menino mais velho que, embora não tivessem nomes de registros, tinham nomes dados pelas misérias do sertão e pela frialdade de pais que não aprenderam a amar e pela culpabilidade de um governo que não soube olhar para aqueles necessitados. E assim se constituem personagens dessa velha cidade, pois é pelos becos do Varadouro que os encontramos revestidos pela injustiça social e pelo inferno de estarem à margem.

O último livro - *Alguns achados sobre a infâmia* - é breve e revelador. Não costumo discutir com meus alunos os últimos capítulos de um romance, deixo-os livres para a condução das apreensões do sentido de toda narrativa lida. Tal atribuição se deve ao fato de permitir que a viagem não acabe, que ela continue. E assim farei com o último livro de *A leste dos homens*. Deixarei que os sentidos dele apreendidos continuem na leitura e pela memória de vocês, assim como Políbio fez ao ter sua honra e reputação agredida, mas nunca a sua memória, que registrou tal brilho que se localiza a frente de nós quando estamos com o livro em nossas mãos diante dos nossos olhos. ✖

Ronilson Ferreira dos Santos é professor de Língua Portuguesa e Literatura. Mora em João Pessoa (PB). Contato: fsantosronilson@gmail.com.

Iacyr Anderson

E A SUCESSÃO DOLORIDA E POÉTICA DE DOMINGOS EM UM HOSPITAL

Linaldo Guedes

linaldo.guedes@gmail.com

Imagine você revivendo as estações da Via Crúcis dentro de uma cama de hospital, olhando o soro pingando e refletindo sobre as vísceras da vida. Imaginou? Agora, imagine isso sendo transposto para o papel com imagens ricas, imprevisíveis, e

FOTO: ANTÔNIO OLAVO CEREZO



Iacyr Anderson Freitas: ironia e humor, em doses homeopáticas, para aliviar o sentimento de perda (da saúde, principalmente)

uma poesia que encanta pela riqueza do inusitado na abordagem de nossas dores cotidianas. Eis, então, o livro *Estação das Clínicas*, do poeta mineiro Iacyr Anderson Freitas, numa caprichada edição da Escrituras Editora.

Iacyr Anderson Freitas é daqueles poetas necessários à literatura brasileira. Vez por outra, quando a poesia dos contemporâneos parece muito xerox uma da outra, se diluindo e se escondendo em fórmulas prescritas em bulas de críticos, sem arriscar o erro, eis que aparece um livro de Iacyr Anderson Freitas, com sua poética forte e sobretudo necessária.

Estação das Clínicas, como já dissemos, recria uma Via Crúcis particular, no mínimo original. Na cristã, Jesus vive um calvário que o leva a refletir sobre a condição humana através de mensagens de paz, de esperança e, principalmente, de fé. Na de Iacyr Anderson Freitas, o calvário traz apenas reflexões e a constatação da nossa incompetência para sublimar nossas próprias dores, nossas próprias vaidades. O que salva, o que redime, neste caso, como aponta Luiz Ruffato, é a poesia; a morbidez irônica dessa poética de Iacyr, eu acrescentaria.

Ironia essa que está presente nos dois últimos versos do primeiro poema do livro: “Mamãe faz 99 anos”. Essa ironia, na verdade, está presente em praticamente todas as páginas do livro, mas em alguns ela vem tão explícita que chega a doer. Lembra até a poesia de Augusto dos Anjos, não na forma, mas na coragem de transformar em poema aquilo que falamos ou refletimos à boca miúda. Em alguns poemas, isso vem até de forma lírica, apesar do título, como no poema “Sangue oculto nas fezes”:

› o espírito sangra
desde o princípio

(ninguém sabe
o motivo)

já o corpo
hoje sangra
escondido

o que o outro
lhe sugere
em sigilo.

Em outros, de forma explícita, reproduzindo a rotina dolorida em um hospital. Como urinar de hora em hora (“Menos um dia”), o aborto do “feto expelido no vaso”, uma viagem iniciada no ventre da mãe por corredores intermináveis (“Fábula hospitalar de João sem Maria”), a analogia entre a queda do soro e nossa queda de todo sempre (“O soro, gota a gota”), a contagem dos tumores do intestino (“Para o próximo inventário”), a constatação de que o futuro fede a sangue marinado (“Pagar em dia”), a tarja preta que sempre lhe entregam (“Tarja preta), a fuga das veias que os médicos não encontram (“Da arte de fugir”), a verruga sem fim (“Raiz tão funda”), a triste alegoria do tempo na UTI e a certeza de que certas feridas nasceram para doer a vida inteira (“Sangradura”).

Estação das Clínicas é um livro que incomoda, porque parece que a qualquer momento iremos viver essa poesia dramática na prática, se é que já não estamos vivendo. Iacyr Anderson Freitas é mineiro de Patrocínio de Muriaé. Nascido em 1963, é mestre em Teoria da Literatura. Publicou dezenas de livros de poesia, ensaios, de prosa e infanto-juvenil, recebendo premiações e sendo traduzido em diversos países, como Argentina, Espanha, França, Estados Unidos, Malta, Nicarágua, Suíça e outros. Para Luiz Ruffato, *Estação das*



Estação das Clínicas (Escrituras, 2016) tem prefácio de Luiz Ruffato e ilustrações de Mário Tarcitano

**A ironia, na verdade,
está presente em
praticamente todas
as páginas de
Estação das Clínicas,
mas em alguns
(poemas) ela vem
tão explícita que
chega a doer. Lembra
até a poesia de
Augusto dos Anjos.**

Clínicas é madura meditação a respeito da transitoriedade da vida e dolorosa busca de superação metafísica. Sim, é isso que vejo também em sua poética, desde *Pedra-Minas*, de 1984 (seu segundo livro), e nos demais publicados que consegui acompanhar. Gosto dessa meditação presente em poemas como “Mesmo nesse momento”, dedicado a Antônio José Queiroz:

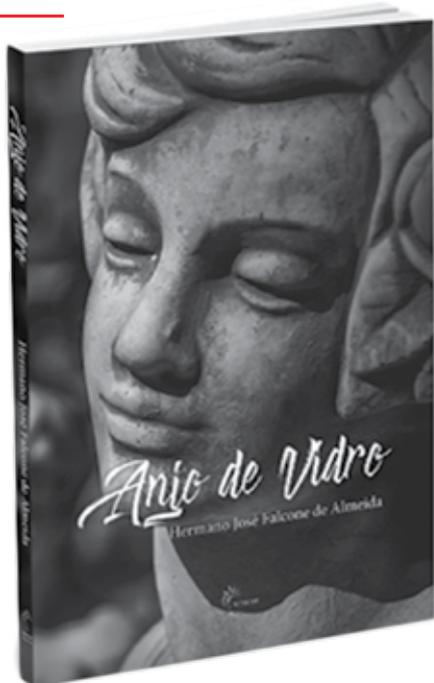
chega o momento
em que se perde de vez
o fio dos dias
da semana do mês

tudo é uma sucessão de domingos
consumidos
por soros tubos
luzes e apitos

mas mesmo nesse momento
não se perde a Hora

o vagido da Hora
no infinito. ♣

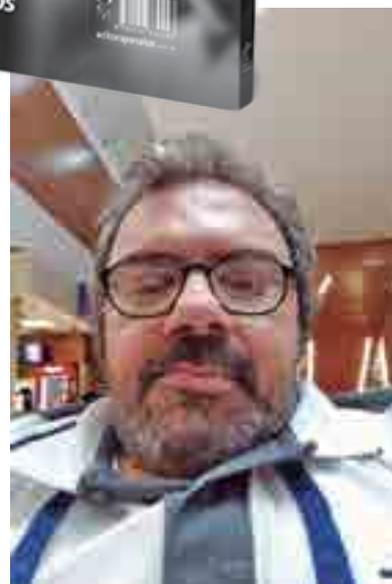
Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Nascido em Cajazeiras (PB), é radicado em João Pessoa desde 1979. Como jornalista, atuou nos principais órgãos de comunicação da Paraíba e foi editor do *Correio das Artes*. Como poeta, lançou, entre outros, os livros *Os zumbis também escutam blues e outros poemas*, *Tara e outros otimismo* e *Receitas de como se tornar um bom escritor*. E-mail: linaldo.guedes@gmail.com.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



O Anjo de num Circo Vidro dos Horrores



Médico Hermanto José Falcone de Almeida, autor do romance autobiográfico Anjo de vidro

Krishnamurti Góes dos Anjos
Especial para o *Correio das Artes*

Hermanto José Falcone de Almeida é médico e atua como psiquiatra da infância e adolescência desde 1994. É também mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e um escritor que parece compor suas obras a partir de suas vivências íntimas a fazer par com profunda preocupação com os rumos que vai tomando nossa sociedade. Disso é testemunho seu livro de poemas *Persona*. Agora deparamo-nos como o romance autobiográfico *Anjo de vidro*, este a narrar sua trajetória de vida, todavia, com foco mais centrado em um acontecimento recente e de muito sofrimento pelo qual passou.

O autor é portador de Osteogênese Imperfeita, enfermidade genética que o prende a uma cadeira de rodas e que já lhe causou inúmeras fraturas pela vida afora em decorrência do enfraquecimento ósseo que provoca. Em 2017, aos 48 anos de idade, uma queda causa a fratura do

fêmur de sua perna esquerda, o que lhe traz um rosário de privações:

“Sou colocado com cuidado numa ambulância do SAMU. A técnica de enfermagem limpa o sangue e o suor que escorrem de mim. A ambulância dá partida. Olho para o teto. Imagino David-Lázarus cantando e olhando para mim. Não existe ressurreição. No terceiro dia ao invés de ressuscitar, passarei por cirurgia.

Apenas minha coxa esquerda. Meu fêmur. Agora tudo vai mudar. A queda no bunker da minha vil humanidade”. (p. 18/19).

Sua situação complica-se no pós-operatório, baixa UTI, aflições indescritíveis, e ainda assim, nos momentos em que a dor permite, segue criando personagens:

“Mais uma jornada entre cama e cadeira de rodas. Vamos lá. Que tal uma história? Decameron com um sobrevivente da peste verde e amarela brazilis? Agora sou o menino Josafá, 11 ▶

▶ anos, preto. Moro na comunidade do gato Leo. Tenho três irmãos e 2 irmãs. Meu pai bebeu 3 garrafas de cachaça bode escroto ao som de Wesley Safadão e copulou com minha mãe. Depois deu umas porradas nela e saiu. Me deixou germinando no ventre da mamãe e nunca mais ouvi falar dele”. (p. 27).

Josafá, General, Leo, Breno, Bruna, Mônica... todos os personagens, de uma forma ou de outra, acabam tragados pelo ambiente inumano que respiramos no Brasil. Mas eis que os dias se passam e agrava-se a situação do narrador-autor:

“Deixei de pagar uns meses o condomínio e recebi como presente execução judicial. Além de outras dívidas. A cada dia internado uma perda. Não podia compensar trabalhando mais. Resultado: te vira. Me senti como um Jesus: um bandido procurado por não cometer nenhum crime. O oposto do que ocorre no Brasil. Cunha impune, marchas, blábláblá e nada. Eu procurado e executado por adoecer”. (p. 66).

E em meio às criações ficcionais, assistimos o desenrolar de sua vida de menino pobre e doente, vemos o jovem que um dia acreditou em partidos políticos “redentores” estudar e acreditar no reconhecimento de sua formação profissional, - ledoo engano-, o passado entremeadado com a narração de sua vicissitude atual. Todavia há também espaço para lampejos de aguda consciência social:

“Eu, particularmente, não acredito que o Brasil tenha vivido democracia e sociedade de direito. Coronéis e cangaceiros mandam sempre. Café com leite, pó, whisky e crack. As classes sociais são visceralmente interligadas por jogos de favores. Quem está dentro da partida joga. Reality show com miau tomando leite de cobra”. (p. 73).

Não se procure no texto de Hermano a elaboração literária formal, ou mesmo um plano ficcional definido. Sobeja o desabafo forte, a indignação legítima de não ser cidadão. É autor rápido no gatilho, direto, crítico mordaz, embora adorne certos trechos de um humor sardônico. Quem conhece minimamente a nossa História e lê um livro como o de Hermano

fica com um amargo sabor na garganta porque reflete afinal que, depois de 5 séculos, ainda não temos a mínima ideia de como harmonizar uma essencial ordem ética submetendo a esta a econômica e não o contrário. Os mais complexos sistemas são imaginados e experimentados; tenta-se mudar isto e aquilo, mas o nosso egoísmo permanece intacto e com isso a substância das coisas. Se no Brasil o “do ut des” (dou para que tu dê) é a psicologia dominante, se a necessidade ou ganância são os únicos meios de conseguir que um homem trabalhe, se não há proporção entre trabalho e ganho, se na especulação permitida e incentivada se acolhem parasitismos terríveis, se a vontade se orienta exclusivamente para a vantagem individual, se a consciência ignora a função social da atividade econômica, e finalmente; se a grande máquina não se move senão pelo hedonismo, seja ele de direita ou de esquerda ou de centro ou de Marte, temos que amargar os resultados que disto decorrem, porque somos incapazes de ascender do lodo hedonista para uma fase positivamente colaboracionista e assim construir verdadeiramente uma nação.

O autor nasceu para batalhas terríveis contra a doença rara que o acometeu, lutou, luta e em certa medida a vai vencendo – porque estava fadado a vegetar sobre uma cama –, venceu repetidos; é homem de fibra rara. Sente o seu eu a gritar e não pode calar. Sabe que não é somente um corpo, sabe que pulsa-lhe algo infinitamente maior. O espírito que em tantos cochila, nele aparece gigante, evidente, troveja e se impõe. Quem o pode compreender em sua existência difícil e dolorida? Ele tem consciência de seu destino, porque ninguém se apega “a um fio de vida” somente por isto em si. Há mais, muito mais aí. Vive de lutas titânicas em seu interior porque almeja a civilização de nossa humanidade, luta pois com as armas de que dispõe por um mundo melhor, sem consentir na mediocridade. Conheceu o esmorecimento de quem defronta sozinho o abismo das grandes dores físicas, a vertigem das grandes alturas que o pensamento o impulsio-

na, o amargurado isolamento de alma em face da inconsciência humana. Relata-nos as incompreensões dos que o taxam de louco, e compreende afinal a inferioridade de quem não o compreende.

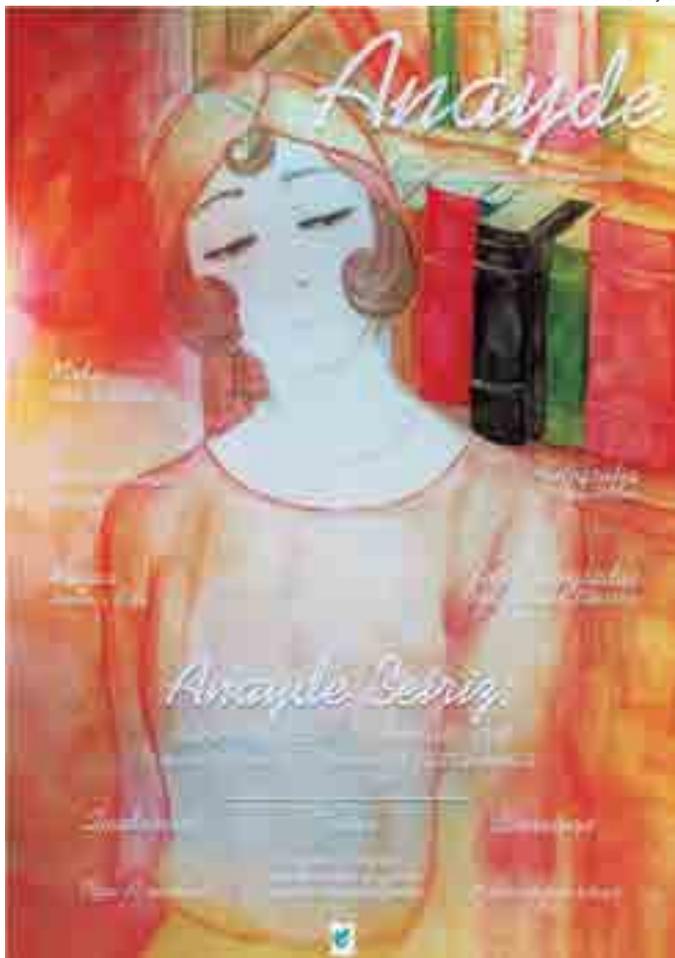
É uma centelha de inteligência e sensibilidade com moral aprimorada no meio de uma mediana medíocre em que a inércia predomina e a vida não sabe senão manter-se e reproduzir-se, fechada no ciclo de suas funções animais, a custa de tiro, porrada, roubafeiras, cinismo, estupros, preconceitos brutais e toda sorte de “atrações” que o circo dos horrores brasileiro oferta.

Como ficar impassível diante de um trecho como esse?

“Meu corpo é uma metáfora do Brasil. Aliás, milhares. Tenho ossos de vidro, dores, visito a morte de vez em quando. Mas quantos outros? Vejam nas ruas. Crianças à espera da vala comum com corpos dilacerados por fome, drogas, raiva e medo. Nos lares ditos ou malditos normais, a vaidade, a luta pelo poder, Caim e Abel, Édipo e Antígona. Iagos florescem por cada metro quadrado. O Iago do Otelo. Shakespeare inventando intrigas, distorções, jogando uns contra os outros, se deleitando com o caos e a morte. Sou aleijado. Somos aleijados! Aleijados do verbo amar. Ossos de vidro. Meus ombros irradiando dores. E Iago me joga num precipício distorcendo o que já nasceu distorcido”. (p. 115).

Iago é um personagem da peça Otelo, o Mouro de Veneza, escrita por William Shakespeare (1564-1616). É considerado um dos maiores vilões da literatura mundial e, com certeza, é o mais bem elaborado pelo dramaturgo. O malévolo Iago consegue enredar, através da intriga e da dissimulação, quase todos os demais personagens que são manipulados como fantoches. ❖

Krishnamurti Góes dos Anjos é escritor e crítico literário. Autor, entre outras obras, de *Il Crime del Caminho Novo* (romance histórico), *Embriagado Intelecto e Outros Contos e Doze Contos & Meio Poema*. Seu outro romance histórico, publicado pela editora portuguesa Chiado, *O Touro do Rebanho*, obteve o primeiro lugar no Concurso Internacional - Prêmio José de Alencar, da União Brasileira de Escritores UBE/RJ, em 2014. Mora em Salvador (BA).



Capa do primeiro número de Anayde, revista de cultura feminista

Anayde,

UMA REVISTA DEDICADA A QUEM ESTEVE
À FRENTE DO SEU TEMPO

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

A literatura do ano de 2017 foi marcada, definitivamente, pela força das mulheres na Paraíba. Como se não bastasse o Mulherio das Letras, evento que reuniu cerca de 500 escritoras de todo o país em João Pessoa, a revista *Anayde* surge e se impõe como um espaço para a difusão da literatura e produção cultural feita pelas mulheres. Lançada dentro da programação do próprio Mulherio, a revista já tem segundo número previsto para janeiro de 2018.

O nome já diz tudo e a revista foi criada em homenagem a Anayde Beiriz, professora e poeta que

tem seu nome ligado à história da Paraíba. A história conta do seu envolvimento amoroso com o advogado João Dantas, assassino do então presidente João Pessoa na Confeitaria Glória, no Recife, por conta de divergências políticas que findou na chamada Revolução de 30. Anayde trocava cartas amorosas com João Dantas e, numa invasão promovida pela Polícia no escritório do advogado perrepista (Dantas era do Partido Republicano), foram encontradas tais correspondências, divulgadas depois com estardalhaço na sede do jornal **A União**.

Anayde foi muito mais do que o pivô da briga política entre João Pessoa e João Dantas. Até porque os historiadores divergem sobre a participação de Anayde nos acontecimentos políticos da década de 1930. Ela marcou a história da Paraíba. Com apenas 25 anos de idade, foi uma mulher à frente de sua época, que usava cabelos curtos, vestido acima do joelho, saía sozinha, frequenta- ▶

▶ va sarau e iniciou a educação popular em uma colônia de pescadores na cidade de Cabedelo. Formou-se professora na escola normal, com apenas 17 anos, e era destaque na turma. Escrevia em revistas da Paraíba e de Pernambuco e ganhou um concurso de beleza, realizado pelo jornal *Correio da Manhã*.

Anayde - Revista de Cultura Feminista, lançada dentro do Mulherio das Letras, pretende ser uma publicação eletrônica bimestral, aberta à colaboradoras do Brasil e América Latina, interessadas em compartilhar questões relativas aos saberes e fazeres da cultura, a partir de perspectivas feministas, em diálogo com os diversos campos da arte.

A criação da revista partiu da artista visual Raquel Stanick, que convidou a jornalista Mabel Dias e a escritora Mayara Vieira para também produzi-la. Elas criaram um grupo fechado em uma rede social e convidaram outras mulheres, que se identificavam com a história de Anayde Beiriz, para participar. O resultado foi a revista eletrônica de cultura feminista paraibana, recheada de artigos, poesias, contos e dicas de leitura, com 86 páginas. A sobrinha de Anayde, Ialmita Beiriz, participou do lançamento e parabenizou as realizadoras pela proposta. Para ela, este será mais um espaço importante para divulgar às futuras gerações a história de sua tia.

A primeira edição contou com as participações de escritoras, poetisas, professoras, jornalistas e artistas. Leticia Palmeira, Mayara Vieira, Cris Estevão, Tatiana Valéria, Thamara Duarte, Madalena Zaccara, Cassandra Figueiredo, Aline Daka, Thays Albuquerque, Tatiana Fraga, Luciana Nepomuceno, Lidiane Batista, Kalyne Lima, Anna Apolinário, Cleonice Lopes Flor e Nadia Larissa escrevem no primeiro número. As professoras do curso de Comunicação Social da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Sandra Raquew Azevedo e Glória Rabay, e a professora



Mabel Dias, Raquel Stanick e Mayara Vieira, equipe editorial da revista *Anayde*

A sobrinha de Anayde, Ialmita Beiriz, participou do lançamento e parabenizou as realizadoras pela proposta. Para ela, este será mais um espaço importante para divulgar às futuras gerações a história de sua tia.

do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Ivonildes Fonseca, compõem o Conselho Editorial.

“O que *Anayde* não pôde fazer, faremos por ela. A revista está linda”, disse Leticia Palmeira. “Eu sou apaixonada por *Anayde* Beiriz. Desde a época da faculdade, quando conheci a história dela, fiquei encantada em saber que uma mulher em plena época onde as mulheres eram vistas como objeto de decoração, criadas para casar, ter filhos e ficar em casa, rompeu essa cultura machista, e viveu o que acreditava, sem se importar com o que os outros iam achar. Certa vez, em um debate sobre ela, um rapaz me perguntou o que *Anayde* Beiriz queria. Eu respondi que ela queria apenas ser ela mesma e viver seus sonhos”, conta Mabel Dias.

“Recebi com muita alegria o convite para escrever para a revista *Anayde*, tendo em vista que o projeto é inovador e vem dar visibilidade ao trabalho literário de mulheres que estão produzindo coisas boas por aqui, mas que são ‘invisíveis’ aos olhos de editores e de grande parte da população. Espero que iniciativas como essa se espalhem e criem movimentos de incentivo e divulgação da produção literária de mulheres em todo o Brasil”, declarou Cassandra Figueiredo. ◀



O que escrever sobre a morte de Carlos Heitor Cony sem cair na repetição e no clichê? Este o meu desafio ao sentar para tentar compor um pequeno texto expressando meu sentimento de leitor ante a perda do imenso escritor e jornalista, ocorrida na noite do último dia 5, aos 91 anos de idade.

Primeira dificuldade: é possível expressar sentimentos com palavras, sem ficar na periferia do que se sente e portanto longe, bem longe do que se quer realmente dizer? Este o problema que os amantes, os que sofrem, os romancistas e os poetas conhecem bem, mas que, mesmo assim, não os impede de falar e de escrever. Então vamos em frente.

Aqui não adiantaria tentar discorrer sobre a vasta produção literária e jornalística de Cony. Não só porque o espaço não dá, como porque outros, mais qualificados, o farão, em benefício do leitor. Resta abordar, levemente, com base no que li e ouvi, a pessoa do autor, aquela que escreveu livros, crônicas e artigos por mais de sessenta anos e que se findou há poucos dias. O homem Cony.

Sobre ele, disse o escritor e acadêmico Marco Lucchesi que era incapturável e que sua literatura é um continente, com muitas geografias e climas. Acredito ser uma boa definição do autor e de sua obra. Até porque deixa margem para se dizer muito mais a respeito de ambos.

Meu amigo Hildeberto Barbosa Filho, segundo me contou, não teve boas experiências pessoais com Cony. Achou-o pouco acolhedor e até esnobe. Terá sido apenas a coincidência de um mau dia ou o homem era sempre assim com intelectuais menos célebres? O fato é que, como faço com quem gosto, tomei as dores de Hildeberto para mim, e, a partir de então e sem deixar de admirá-lo, passei a olhar para Cony com esse

viés, vamos dizer, desfavorável. Idiossincrasia? Isto mesmo.

A despeito disso, senti a partida de Cony como um desfalque pessoal, uma sensação incômoda no peito, daquelas que só se experimenta relativamente a pessoas muito especiais que perdemos. Por aí se vê como certas figuras públicas, das artes ou da política, chegam, profundamente, a fazer parte de nossas vidas anônimas e distantes. Senti a mesma coisa quando da morte de Drummond e de Ulysses Guimarães, por exemplo. Uma espécie de luto cultural e cívico.

Polêmico, aparentemente contraditório, Cony foi um dos primeiros jornalistas a atacar de frente, sem meias palavras, os militares, após a derrubada de João Goulart. Seus artigos panfletários renderam-lhe prisões, exílio e o livro *O ato e o fato*. Depois, para surpresa de todos, foi trabalhar com Adolpho Bloch na bem-comportada revista *Manchete*, o que lhe custou a alcunha maldosa de “Conyvente”. Até hoje, ao que parece, a esquerda emburrecida não o perdoa por essa “traição”. Para o complexo Cony, que não possuía nenhuma filiação partidária, a coisa foi mais simples e não uma adesão ao inimigo: apenas “uma opção por ajustar-se a uma espécie de ‘prisão de luxo’”.

Na *Manchete*, teve a oportunidade de aproximar-se de Juscelino Kubitschek, grande amigo de Bloch e o maior nome da oposição aos militares, ajudando-o a redigir suas memórias, fato que, por si só, desmente toda e qualquer acusação de simpatia de sua parte para com aqueles a quem, corajosamente, tanto atacou nos idos de 1964.

Seminarista na adolescência, o escritor desistiu da vida eclesástica pouco antes de receber a tonsura, tendo perdido a fé. A partir de então, tornou-se agnóstico, mas, sempre livre e surpreendente, tinha consigo, em sua casa, uma imagem de Santo Antônio.

Coisas de Cony, o incapturável. Dessa juvenil experiência religiosa resultou posteriormente o livro *Informação ao crucificado*, relato na linha de *O nariz do morto*, de Antonio Carlos Villaça, que queria ser monge e abandonou o mosteiro.

Muitas vezes difícil no relacionamento com as pessoas, dedicou uma amizade e uma ternura imensas à cadela Mila, cuja desaparecimento prostrou-o por meses e marcou-o para sempre, como uma das mais dolorosas experiências de sua vida. Seu grande sucesso literário *Quase memória*, por muitos considerado seu livro mais importante, é dedicado a ela. Por outro lado, e noutra afetivo acerto de contas, o personagem central do livro é seu pai, jornalista batalhador mas sempre otimista, um homem simples sobre quem afirmou: “Nunca fez coisas grandes, mas acreditava que viver era uma grande coisa”. Vê-se então que, através do livro do filho e dos misteriosos poderes da literatura, esse pai obscuro e amado foi resgatado, alcançando a posteridade negada a tantos de seus contemporâneos melhor sucedidos, hoje relegados ao completo esquecimento.

Irônico, cético, inclusive sobre si mesmo, Cony considerava-se medíocre, o que, humilde, pode parecer paradoxal com a imagem que passou para Hildeberto. Agora, com sua perda, vou conceder-lhe o benefício da dúvida. Não que, em sua glória, ele precise de minha insignificante absolvição aldeã. ✦

Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissextos* e *A medida do possível (e outros poemas da Aldeia)*. Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.



O fogão se acendeu

Fernando de Moraes Gebra

Especial para o *Correio das Artes*

Lembro-me de crônicas. Penso logo em Mário de Andrade. Logo tangencio a obra de Carlos Heitor Cony. Duas chamas nos labirintos da memória de Raquel. Uma luz adormecida, tal como a sonoridade do e aberto de seu nome. Jacó serviu a Labão durante sete anos para obter a mão de Raquel, a da Bíblia, é claro. A de Camões também, transposta a soneto. Teve que servir outros sete anos, porque não quis a Lia. Muitos brasileiros querem a Lya, a das *Perdas e ganhos*, que não se encaixaria no que Cony chama de visão de mundo, típica da alta literatura. Talvez algo para consumo imediato, mas todos a querem. Já Raquel, dois escritores a estimam, e ela, em sua pureza de pastora das letras, acaba por não perceber. Um dos escritores está morto desde 45, mas sua voz de Belazarte ecoa na minha memória de discípulo de Raquel; outro está vivo, e bem vivo, cronista sem querer ser levado a sério. Reite- ▶

▶ ro que ela talvez não perceba, mas Cony a aplaude num palco em que ele é a estrela, mas que entre fogão e jargão, lança luzes ao trabalho de Raquel. Tens que publicar teus trabalhos, tal como faz Cony. Mas sei que o farás, por Mário... e também por Cony.

Dessa vez, é a vez de Raquel servir os quatorze anos que Jacó serviu pela outra Raquel. Foi uma dissertação de mestrado sobre Mário de Andrade. Agora, outra de doutorado sobre Cony. E ela retribui a Cony os sete anos de pastor de Jacó. Entre memórias e espaços, eis que nos encontramos no Café Original. Tarde chuvosa, de nevoeiro. A mesma fria Curitiba de crônicas surge-me enternecida. Lembro-me do tema da amizade, tão discutido na obra de Mário, primeira chama de Raquel. Cony ressalta que a crônica seria um subgênero por não trazer nenhuma visão de mundo. Algo efêmero, por tratar na própria essência do Cronos a pouca durabilidade. Surgem assuntos de *internet*, que é capaz de lançar novos escritores. E o tempo, Cony? Na *internet*, as vidas são efêmeras também, tal como propões a respeito da crônica. Mas a crônica seria necessariamente efêmera. Dizes que a crônica não traz uma visão de mundo, que seria um esgarçar de um tema. E o tema da amizade em “Meu engraxate” do Mário? Seria apenas um devaneio sobre o tema? Será que Raquel concordaria com isso? Pergunto-lhe, então, e ela me olha como em situação de desacordo com Cony. E Cony cita outro desacordo da minha mestre. Adaptação de romances brasileiros em versão facilitada, um absurdo. E quem disse que Cony estaria deferindo esse tipo de literatura? Precisava-se ganhar, oras. É uma literatura para atender as exigências do mercado editorial. A crônica é seu ganha-pão, portanto.

Fragmentos de uma noite no Café Original. Desculpai-me os leitores aristocratas da cinzenta Curitiba, mas devo dizer que de original não tivesse nada. Um lugar muito agradável, é claro que devo mencionar na intenção de talvez querer ver essa humilde crônica publicada. Mas sem que o leitor me censure, direi logo de ímpeto que de original o local não tinha nada. Muito menos os preços que deveriam ser mais flexíveis, em se tratando de literatura. A literatura às vezes custa caro. Mas por Cony, vale a pena estar no Café Original. Ou seria

Não, muito pelo contrário. Falaste tanto em fogão que, da penumbra do café misturada ao fumo inebriante do local, consegui aproximar-me de ti.

Original Café, como me propõe um colega das letras? Bem, não importa. Só quero ressaltar que me instigou o fato de Cony não se levar a sério no gênero crônica. Perdoa-me, Cony, preferes dizer subgênero ao referires-te à crônica. Não me importa. O certo é que cheguei à conclusão de que Cony sabe não se levar a sério na crônica, mas faz de sua arte um ápice, um fogaréu em brasas onde cozinha os mais variados assuntos, com cuidado especial aos animais e à sua Mila. Conclusão: é impossível nós, súditos leitores, não o levarmos a sério em suas crônicas para a *Folha de São Paulo* e para a *Gazeta do Povo*. Eu, pelo menos, levei muito a sério a “Revolução dos Caranguejos”, que Cony publicou no livro de crônicas políticas intitulado *O ato e o fato*. Mas uma vez, desculpa, Cony, cometi a indelicadeza de dizer “crônicas políticas”.

Se não aprecias categorias para tuas crônicas, eu realmente fui indelicado. Mas não te zangaste comigo. Não, muito pelo contrário. Falaste tanto em fogão que, da penumbra do café misturada ao fumo inebriante do local, consegui aproximar-me de ti. Foi Raquel quem nos apresentou. Autografaste-me dois de teus livros e fizemos algumas fotos. Para minha surpresa, notei que Raquel é quem estava com a razão em levar-te realmente a sério, mesmo no gênero crônica. E agora, por favor, não te vou pedir desculpas, de jeito nenhum. Não me desculpo contigo. É gênero sim, nada de subgêneros ou subcategorias, ou quase-romance, ou quase-memória. É memória plena como prometeste nos brindar com a plena memória de um romance com esse título. É memória de um tema de amizade que surgiu no “Meu engraxate” do Mário e que aflorou quando Raquel me presenteou da forma mais sublime e de extremas delicadezas. Eu não imaginava que *A casa do poeta trágico* seria ofertada a mim. Sinal de amizade, isso sim. Li isso na crônica do Mário. Foi essa crônica que me deu a conhecer mestre Raquel. Foi em crônicas que pude conhecer o fogão aceso de Cony. Foi na crônica de um pensamento fragmentado como o meu que vivenciei essa amizade iniciada lá com Mário de Andrade, mas que se fortaleceu com teu fogão aceso nos espaços da memória nessa noite: ... inesquecível quimera literária ... chamado até de *scort* ... na companhia de Raquel... ✦

Curitiba, 07 de dezembro de 2005
(Por ocasião de uma roda de conversa com Carlos Heitor Cony, em Curitiba)

Fernando de Moraes Gebra é crítico literário, ensaísta, poeta e ficcionista. É professor de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). É autor, entre outras publicações, de ensaios estampados em livros e periódicos em países como Brasil, Portugal, Espanha e França. Atualmente, dedica-se ao estudo da poética e do ensaísmo do escritor português Alfredo Pedro Guisado. Mora em Chapecó (SC).



Vou-me embora pra Nova Caledônia!

Em meus momentos de profundo desânimo, de descrença na civilização e até de raiva da humanidade (será que a humanidade é mesmo doida, como acreditava o personagem de *Scaramouche?*), em todos esses momentos que me são cada vez mais frequentes, também me salta do subconsciente um grito de evasão. Dizia Manuel Bandeira: “Vou-me embora pra Pasárgada!” Eu digo de forma diferente: “Vou-me embora pra Nova Caledônia!”

Foi aí pelos 13 ou 14 anos de idade que descobri a Nova Caledônia. Não era na mancha do pelo das vacas — como o menino Quintana — que eu estudava a geografia de ilhas imaginárias. Um dos passatempos prediletos do menino urbano que eu fui, quando não estava brincando na rua, era estudar o mapa-múndi e decorar os nomes das capitais dos mais diversos países. Cheguei mesmo a saber todas as capitais do mundo de cor e salteado. Um colega de escola não acreditou quando lhe revelei o meu segredo, no intervalo de uma aula de geografia. Abriu lá o livro num mapa, procurou um país que ele considerava bem difícil e fuzilou:

— Qual a capital da Malásia?

Para seu espanto, respondi sem nem pestanejar:

— Kuala Lumpur!

Pois foi numa dessas incursões pelo mapa-múndi que cheguei à Nova Caledônia, uma pequena ilha que logo escolhi para meu refúgio. Situada lá nos confins do mundo, era um lugar difícil de ser encontrado nos mapas e globos escolares. Uma ilha ideal para quem quisesse se isolar de tudo e de todos. Eu já sentia, como vim a ler depois, em John Donne, que “nenhum homem é uma ilha”; mas isso não me impedia de escolher uma ilha para fazer, dela, a minha utopia de futuro — uma ilha em que eu ficasse sozinho ou na seleta companhia de quem bem quisesse.

Aquela ilha me apareceu como se fosse uma revelação. Encantei-me imediatamente com o seu nome, tão logo o li no mapa. Como não sou muito de acreditar em revelações, fui depois investigar (entenda-se, muitos anos depois), no fundo de mim mesmo, nas salas mais escuras do meu paleocérebro, o que teria me levado àquela sensação de familiaridade com a Nova Caledônia. Dois motivos, ao que tudo indica, contribuíram para que aquilo ocorresse. Primeiro, o nome de uma companhia aérea que não mais existe e cujo comercial eu gostava de ver na televisão, a *British Caledonian*. O que me encantava, no comercial, era o *jingle*, elaborado com um refrão

▶ que era o próprio nome da companhia, associado a imagens de belas e sorridentes aeromoças, elegantemente trajadas com japonsas de padrão xadrez e saias à altura dos joelhos, tudo de muito bom gosto, com muito recato e muita compostura. Percebi, depois, que o nome “Nova Caledônia” fazia-me lembrar, até pelo número de sílabas, de “Nova Campo Grande”, o bairro da capital do Mato Grosso do Sul em que morei e passei os melhores dias da minha infância.

A minha utopia de futuro, assim, estaria explicada pela minha utopia de passado. Seja como for, a coisa pegou, e a Nova Caledônia virou, mesmo, uma espécie de ás na manga, o qual poderia ser utilizado como último recurso. Quando tudo desse errado, quando não mais vislumbrasse qualquer saída desse labirinto de compromissos e convenções em que a vida insiste em nos aprisionar, quando o jogo estivesse irremediavelmente perdido, eu daria a minha última cartada com o indefectível grito: “Vou-me embora pra Nova Caledônia!”

Infelizmente, por causa da internet, a Nova Caledônia já não está assim tão isolada do mundo. Sei, hoje, que ela não é nem mesmo uma ilha, e sim um arquipélago, muito embora eu continue chamando de Nova Caledônia à ilha maior, sem saber direito se estou certo ou errado. Sei, além disso, que



a capital, Nouméa, é um paraíso turístico e vive infestada de surfistas. Mas há a parte norte da ilha, meio desabitada, onde posso tranquilamente me instalar e viver o resto dos meus dias sem televisão, sem telefone e outras invenções diabólicas, o que significa dizer que estarei finalmente livre dos noticiários, dos programas políticos, das insistentes ofertas de crédito etc.

Há ainda outra vantagem. Do ponto de vista do idioma, a Nova Caledônia mais parece uma nova Babel. Além do francês, por causa da colonização, fala-se, lá, quase três dezenas de outras línguas. E como não domino nenhuma delas, não poderei me comunicar com ninguém.

Ou seja, na Nova Caledônia eu não darei nem bom-dia a vizinho. ❖

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco. É autor de vários livros, entre os quais, *Vida de Quaderna e Simão* (romance) e *Canudos - Poema dos Quinhentos* (poesia). Mora em Recife (PE).

As passagens benjaminianas:

leituras (2)



Passagens, de Walter Benjamin, conforme Willi Bolle, constituem “uma referência obrigatória nos estudos interdisciplinares de Literatura, História, Geografia, Ciências Sociais e Filosofia”. A gênese de *Passagens*, o ponto de partida para a sua construção, foi o romance *O camponês de Paris* (1926), do surrealista Louis Aragon. *O camponês de Paris*, conforme ainda Bolle, relembra “as ‘passagens’ ou galerias de

compras na Paris do século XIX, que ofereciam ao consumidor burguês um ambiente que reunia as atrações da rua e o conforto do seu lar”. Observa também Bolle que “a capacidade visionária de Benjamin de estudar a metrópole moderna a partir dessas construções é atestada pela enorme importância que têm as lojas de departamentos e os shopping centers nas nossas cidades contemporâneas”. Na entrevista à *Folha de S. Paulo*, citada na coluna anterior, Willi Bolle argumenta que as passagens daquele tempo deram origem aos atuais shopping centers: “As passagens do século 19 enquanto ‘templos do capital mercantil’ são precursoras dos shopping centers de fins do século 20 e início do nosso século. Ambos são espaços reservados para aquela parte da

população que tem dinheiro; são o lugar para fazer compras, tomar refeições, encontrar pessoas e desfrutar de entretenimentos, numa atmosfera de proteção e segurança. Ao mesmo tempo, são espaços vedados aos pobres, lugares de exclusão social, documentos de uma sociedade dividida. O método de Benjamin, em *Passagens*, seria estudar Paris como “paradigma da metrópole moderna”, e no enfoque de sua obra caberá necessariamente, como já indicado, uma abordagem interdisciplinar, “abrangendo História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Literatura e Mídia”. Willi Bolle, por fim, propõe relações “entre a metrópole de Paris, no século XIX, e a metrópole de Berlim, durante a República de Weimar e o nazismo, além de afinidades e diferenças com megacidades da América Latina nos tempos atuais, como São Paulo, Buenos Aires e México [...]”. ✦

FOTO: REPRODUÇÃO INTERNET



O método de Benjamin, em Passagens, seria estudar Paris como “paradigma da metrópole moderna”

Rinaldo de Fernandes é escritor, antologista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É autor, entre outras obras, de *O perfume de Roberta* (2005), *Rita no pomar* (2008), *O professor de piano* (2010) e *Romeu na estrada* (2014). Mora em João Pessoa (PB).





124
Anos

2017

uma nova História
para uma nova

A UNIÃO

Reserve seu anúncio (83) 3218.6526

Faça a sua assinatura (83) 3218.6518



A UNIÃO Superintendência de Imprensa e Editora

www.paraiba.pb.gov.br |    [uniaogovpb](https://www.facebook.com/uniao.gov.br) |  uniaogovpb@gmail.com